Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Ao chegar a Lisboa, POLA NEGRI foi entrevistada por ANIMATÓGRAFO, que reproduz neste número as suas impressões

2.ª SÉRIE — N.º 34 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 30 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1$50

VAMOS PARA FÉRIAS?

Agora que o barómetro desce e o termómetro sobe, começamos a sentir os efeitos da canícula, que se apresenta violenta. O céu principia a estar varrido de nuvens, para que o domínio do Sol seja absoluto; as sombras e penumbras conhecem a procura habitual de todos os estios. Aos domingos, as praias e as zonas campestres enchem-se de encalmados. Estas fotografias ainda nos aguçam mais o apetite de ir gozar a temperatura amena do campo ou das águas frescas dos rios e dos mares.

— Vamos para férias? — é a primeira interrogação que nos vem à cabeça.

Então, tenha o leitor a bondade de passar primeiro, porque nós iremos depois — e com que prazer!







2.ª série / N.º 34 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

30 de Junho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção **António Lopes Ribeiro** tem atendido desde a sua inauguração centenas de pessoas que se inscrevem para representar no Cinema

Excedeu tôda a espectativa o serviço de inscrição de candidatos a intépretes nas Prod. António Lopes Ribeiro. Na redacção do «Animatógrafo», onde são entregues as senhas, tem sido um corropio incessante de pretendentes a cinéfilos de boa têmpera — muitos dêles já experimentados em trabalhos do género — que procuram não deixar perder a oportunidade de se inscreverem e de serem os primeiros a alcançar o objectivo ambicionado. No palacete do Lumiar onde se encontram instalados os escritórios da Prod. A. L. R., o movimento tem sido grande e não se registam falhas. Às horas prèviamente marcadas e escolhidas pelo candidato, êste aparece nos escritórios para preencher a sua ficha regulamentar. Com êste sistema organizado, muito se tem conseguido, para benefício de todos os interessados. Em primeiro lugar, acabou o aspecto de amadorismo que revestia a escolha de intérpretes. Em segundo lugar, acabou-se com o compadrio, o pedido, o empenho e a carta de apresentação, que no cinema não têm qualquer influência útil, pois são as qualidades reais do intérprete que mandam e as rúbricas do papel que guiam o realizador. Inútil, portanto, incomodar quem trabalha, com telefonemas, bilhetes ou súplicas. Quem quere tentar a sorte, inscreve-se.

A propósito, diremos que, numa organização cinematográfica de envergadura, todos podem ter o seu lugar: os gordos e os magros, os feios e os bonitos, os altos e os baixos. Um dia, vem a oportunidade e uns e outros, aqueles e estes, e estes e aqueles podem ser chamados — não por mera deferência, mas por estricta exigência dos filmes em curso.

Mas surge neste passo uma interrogação:

— E os candidatos da província?

O caso dos cinéfilos da província

De facto, chegam-nos às mãos inúmeras cartas de cinéfilos que nos interrogam anciosos:

— E os candidatos da província?

Acalmem-se os espíritos mais excitados e ouçam-nos com atenção.

Exactamente porque os cinéfilos da província merecem todo o respeito e devem ser ajudados no seu legítimo desejo de alcançarem um lugar ao Sol... no estúdio, ficou resolvido que todos os interessados podem escrever para o S. S. I. das Prod. António Lopes Ribeiro, e enviar fotografias e todos os elementos que permitam formar um cadastro, tanto quanto possível completo.

Poderia parecer improvável que se mandasse vir de lugares recônditos do país pessoas para interpretarem cenas de filmes, mas a verdade é que as Pro. A. L. R. vão buscar os bons elementos onde êles se encontram.

É do conhecimento de todos que de Viana do Castelo já veio uma senhora trabalhar ao estúdio da Tobis; que de Oliveira de Azeméis, veio outra para tentar o cinema, e que até das nossas colónias de África já vieram valores para conquistar um lugar na carreira cinematográfica.

Não desanimem, portanto e aguardem mais esclarecimentos.

O caso dos candidatos residentes na província

Indicações importantes

As inscrições ascendem a algumas centenas, na altura que escrevemos, e tendem a elevar-se logo que se descongestione o serviço de cadastro dos primeiros candidatos.

Para se avaliar a quantidade de inscrições feitas basta dizer que já estão tomados os dias das duas próximas semanas.

Por conseguinte, previnem-se os interessados que têm a maior conveniência em acorrer prontamente ao chamamento, pois os que tardarem só daqui por bastante tempo serão inscritos definitivamente, perdendo assim oportunidades que muito cêdo se vão apresentar. Como a única despesa a fazer é a do pagamento de 2$50 para o fundo de Assistência e Acção Social do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, não sendo necessário levar qualquer retrato, e como a tabela aprovada pela Direcção do Sindicato, por proposta da Prod. A. L. R. atinge, para os figurantes da 1.ª categoria, 40$00 por sessão de filmagem, julgamos da maior conveniência seguir o nosso conselho.

Também se volta a dizer que ÙNICAMENTE OS INCRITOS NO S. S. I. SERÃO CHAMADOS A FIGURAR NOS FILMES DA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

Os actores devem inscrever-se

Já dissemos porquê, mas voltamos a insistir e a explicar.

Os actores do nosso teatro devem inscrever-se quanto antes no S. S. I. afim de facilitar a distribuïção justa dos papéis na futura produção. Às vezes — conforme já salientámos — é pelo simples facto de não ocorrer um nome na devida oportunidade, que um papel é mal distribuído e que, portanto, a sua interpretação resulta insuficiente. Como de cada inscrito se elabora uma ficha especial que permite, por um engenhoso processo, escolher automàticamente os nomes das pessoas que reünem certo número de condições exigidas por determinado papel, vê-se fàcilmente a conveniência de todos se inscreverem.

Aliás, todos os que já estão contratados ou virão a ser contratados para «O Pai Tirano» e produções seguintes, ficarão com a sua ficha no S. S. I., ao lado de todos os outros, profissionais ou amadores.

Também se diz, mais uma vez, que a inscrição no S. S. I. torna inúteis quaisquer recomendações ou pedidos especiais e acaba com o martírio de nunca se saber onde mora exactamente a pessoa de que mais se precisa.

Alguns, inteligentemente, deram o exemplo, aparecendo a inscrever-se espontâneamente. São aqueles que viram que a Prod. A. L. R. inaugura, de facto, uma nova época no Cinema Português e que, muito legìtimamente, se dispõem a aproveitar dos reais benefícios morais e materiais que ela oferece.

«O Páteo das Cantigas»

Depois de «O Pai Tirano», António Lopes Ribeiro deve produzir «O Páteo das Cantigas», filme que foca o carácter sentimental do povo lisboeta. Segundo o plano estabelecido e que só circunstâncias anormais, poderão alterar, as filmagens desta segunda produção devem principiar a 15 de Setembro, ou seja quatro dias antes da estreia de «O Pai Tirano». As construções desta nova comédia — e que estão confiadas a Roberto Araújo — começam no estúdio da Tobis Portuguesa, já alugado para o efeito, no dia mediato àquele em que terminar as filmagens da primeira produção.

Como se verifica, a continuïdade tão ambicionada é uma deliciosa realidade na Prod. A. L. R.

Tôda a correspondência referente às
PROD. ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
deve ser dirigida à
Alameda das Linhas de Tôrres, 157 - Lisboa

A PÁGINA DOS NOVOS

O cinema europeu perante o norte-americano

Falou-se, em tempos já distantes que o cinema europeu poderia dentro de alguns anos defrontar-se com o norte-americano. Ninguém ou quási ninguém acreditou no êxito desta tentativa. Raro, raríssimo, era o filme europeu que se podia colocar do lado das películas saídas dessa enorme cidade de fantasia que se chama Hollywood. Filmes fracos, médios, e alguns bons, eis o que a Europa produzia. A Inglaterra últimamente pouco ou nada lançava nos mercados cinematográficos; só Alexandre Korda trabalhava bastante dando-nos algumas obras primas. A Alemanha preparava-se, os seus filmes eram de propaganda interessando mais ao próprio produtor do que ao estrangeiro. A França era o único produtor certo; lá ia subindo de degrau em degrau a enorme escadaria que é a sétima arte prosseguia sempre, orgulhoso dos seus técnicos e dos seus actores. Porém a guerra despediu-lhe tamanha catanada (desculpem-me a expressão um tanto rude), que êle não poderá decerto galgar tão depressa como o desejaria, todos os degraus que subira, degraus êsses que o podiam levar a tomar o bastão de comando do cinema.

Mesmo antes da guerra era difícil à França colocar sem mêdo um filme saído das suas fábricas, diante da orgulhosa e agigantada produção americana.

O norte-americano não olha a despesas, contanto que produza bastante e bom; êle sabe muito bem que mesmo que os seus mercados no estrangeiro (agora tão diminutos) não funcionassem, a sua produção daria lucros devido às grandes e inúmeras salas de projecção que existem em todo o país. Alguns actores e mais pessoal do cinema europeu pareceram compreender esta verdade; e a magia esmagadora de Hollywood exercia-se sôbre êles em todo o seu esplendor e levava-os a atravessar o Atlântico em demanda da Glória.

Muitos falharam, outros venceram.

Agora que a cinematografia européia se paralizou quási totalmente, não são poucos os actores, actrizes, realizadores, operadores, etc., que Lisboa vê desfilar durante dias e dias e que depois embarcam no bojo prateado do Clipper que os leva para longe da sua vista.

A massa colossal de capitais empregada na indústria cinematográfica dos Estados Unidos, vai contribuindo, para o êxito e e para o prestígio cada vez maior dos filmes do Além-Atlântico.

K. K. K.

Uma ideia posta em acção e que se reflectiu numa noite cultural

Se um dia se chegasse a fazer uma História da Cinematografia Portuguesa, entre as inúmeras realidades que seria de justiça focar, a fundação do «Clube do Animatógrafo» constituiria um dos factos mais elevados e espontâneos e que a sua ideia generalizou e se refletiu no apoio e cooperação de todos a que a ela prestaram o seu enaltecido valor iniciativo e cinéfilo. Cinéfilo em tôda a expressão da palavra, não visando portando a expressão àqueles que se dizem cinéfilos mas que na realidade não o são, pois que o seu cinefilismo só se revela num interêsse pessoal; na preferência por um filme em relação ao «enrêdo» que o caracteriza, ficando obscuro para êsses «cinéfilos de ocasião» a máxima expressão dum filme que se reflete na interpretação dos seus personagens e na técnica que são os *Alicerces fundamentais da produção fílmica!*

Em suma é aos verdadeiros cinéfilos que vêem o cinema pelo seu verdadeiro «ponto de vista» e não pelo convencional... — pelo lado referente ao capítulo de distracção; é aos sócios do «Clube do Animatógrafo» que me dirijo, pois estou convicto da sua perícia em assuntos cinematográficos; portanto os únicos que poderão dar valor e vislumbrar o «verdadeiro cinema», e para quem as minhas palavras representam alguma coisa mais que um esclarecimento: palavras consoladoras e sinceras em favor de uma ideia; duma arte que é bem uma ciência e das mais cultivadas e que é mui digna de apoio e homenagem, e que sem dúvida merece tôdas as palavras de elogio que lhe possamos tributar.

Escrevendo algumas linhas referentes à fundação do «Clube do Animatógrafo» (infelizmente já tarde), não perco no entanto a oportunidade de cumprir uma irrefutável acção, pondo uma luz no assunto já um tanto obscuro, mas que nunca são de mais tôdas as palavras de enaltecimento, carinho e veracidade que lhe sejam referentes. Nunca são demais, portanto, tôdas as «boas palavras» que lhe possam prestar uma resumida e modesta homenagem à nobre ideia de fundar um Clube de cinema — felizmente para nós já posta em vigor, e de que «Animatógrafo» foi seu feliz empreendedor.

Portanto, o dia 2 de Maio de 1941, reter-se-á memorável para todos que participaram nessa reünião «familiar» e nobre, e em que dezenas de pessoas apreciaram sem quaisquer fins materiais ou comerciais essa ideia, tornando-a em realidade. Abstenho-me no entanto de descrever quaisquer pormenores sôbre a Festa que teve lugar nesse dia e que compreendeu o Espectáculo Cinematográfico de que fui espectador, confiado no erudito conhecimento sôbre o assunto por parte daqueles que me lêem (na maioria assistentes à Festa a que faço jus), pois que já outras pessoas mais autorizadas do que eu tiveram oportunidade de fazer a descrição do que constituiu o 1.° Espectáculo levado a efeito pelo «Clube do Animatógrafo». No entanto não perco o ensejo de descrever um pequeno facto ocorrido no momento em que era projectado no écran do «Palácio das Exposições» um documentário que o público parecia seguir com elevado interêsse o desenrolar da acção, devido à sua originalidade, e que ao deixar de divisar-se as suas imagens na tela; ao acenderem-se as luzes do elegante salão, julgou o referido público ter tido o seu términus, começando então a aplaudir com inaudito entusiasmo, saindo-se o Director do «Animatógrafo» com um dito que deixou os espectadores decepcionados e que arrancou estrondosas gargalhadas aos circunstantes: «É a primeira vez que vejo bater palmas quando um filme se parte» (?)...

Sôbre a Festa do «Clube do Animatógrafo» julgo inútil fazer mais alguns comentários, deixando êsse trabalho à presença de «todos» os sócios do «Clube» que como eu assistiram (não todos) à 1.ª Festa e que espero acorrerão em mais elevado número às seguintes que o «Clube do Animatógrafo» pensa realizar muito em breve, e que estão sendo aguardadas com indiscritível ansiedade.

Esperemos, pois, que nos seja oferecida outra oportunidade de nos reünirmos todos, «debaixo da mesma bandeira», e ao mesmo tempo escutarmos com verdadeiro interêsse as gratas palavras de Lopes Ribeiro, que já tivemos ocasião de ouvir na 1.ª Festa do «Club do Animatógrafo».

Aguardemos pois!

ROBINSON

JOAN FONTAINE

Quem, ao ver surgir na tela, o rosto meigo de Joan Fontaine onde brilham uns lindos olhos, se lembra de que ela é japonesa?

E contudo, Joan nasceu em Tókio, em Outubro de 1917. Com quatro anos apenas, uma grave doença prostrou-a no leito, onde permaneceu meses, lutando entre a vida e a morte.

Melhor seria esta última, diziam os médicos, pois, se sobrevivesse, esperava-a atribulada existência em que a sua inteligência se mostraria bastante reduzida. E Joan Fontaine resistiu e contradisse os prognósticos da medicina.

A dança entusiasmou-a e tornou-se uma bailarina razoável.

Aos 10 anos já ela revelava uma extraordinária inclinação para a carreira artística. Freqüentou a Escola Americana de Tókio, mas decorrido um ano, viu-se forçada a partir, para terras de além Pacífico a acompanhar a família que ia fixar residência em S. Francisco da Califórnia.

Aí terminou a sua educação e uma vocação mais lhe foi notada: a pintura.

Sòzinha se deixou ficar em S. Francisco, quando a mãe se foi instalar em Hollywood com sua irmã Olivia de Havilland, já uma «star».

Resolveu-se a tentar também o cinema, mas sem a ajuda de ninguém.

E foi por isso que recusou trabalhar para a «Warner Brothers» onde a irmã filmava, quando Mervyn Le Roy lhe ofereceu um vantajoso contrato, aceitando o de Jesse L. Lasky, da RKO-Radio.

Apareceu nuns escassos metros ao lado de Katharine Hepburn e Franchot Tone, depois como parceira de John Beal, com Preston Foster em «You cant beat love» e, finalmente, no primeiro papel de responsabilidade em «Music for Madam», contracenando com o apreciado tenor italiano Nino Martini.

Mas Joan quere ser célebre, aspira a «estrêla» e continua a estudar, lendo nas horas vagas — que são tôdas as passadas fora do «studio», pois, a gentil artista não se prende com o amor porque — diz ela — só lhe viria embargar a subida... — biografias de notabilidades históricas, ou percorrendo em pequenos passeios, as formosas montanhas que circundam a sua morada.

Foi parceira de Fred Astaire em «Uma donzela em perigo» para o que aperfeiçoou sensivelmente, os seus conhecimentos em «Tap-dance».

Mas a consagração chega com «Rebecca», o último degrau da escada que Joan se propôs subir para alcançar um lugar de destaque no firmamento bastante estrelado da Cinelândia, em que, ao lado de Laurence Olivier, que ainda há pouco vimos em «Monte dos Vendavais», nos mostra quanto conseguiu o seu esfôrço e tenacidade.

CONDE MISTERIOSO

PANORÂMICA

A época de verão

Vamos entrar, com o calor tardio, naquela época a que se chama «de verão» por coïncidir com a estação calmosa e que é sinónimo, para distribuïdores e exibidores, de negócios fraquinhos, por muitas e variadas razões que não vêm por hoje à baila, mas das quais a principal é uns e outros não contarem com ela, por um lado, e, por outro, *contarem excessivamente com ela*...

Queremos dizer, na nossa, que talvez houvesse maneira de evitar o quebranto que ela traz ao comércio de filmes, apropriando salas e programas, estudando o problema e tratando de o resolver, isto é: puxando pela cabeça e pelos cordões à bôlsa, na agrícola e humana função de semear para comer.

Os sacrificados

Mas a única solução que ocorreu aos nossos comerciantes de filmes foi a de produzirem filmes portugueses para serem exibidos na época que êles consideram a pior do ano, sem falarmos na que precede o Natal e a que lhe sucede, na que vem antes e na que vem a seguir ao Entrudo, nem na que ainda pelas redondezas da Páscoa, porque tôdas essas são consideradas, por êsses optimistas infrenes, piores umas que as outras...

Assim, reduzem a publicidade, reduzem até ao infinito os preços dos bilhetes, e só aumentam a composição dos programas, ferrando ao fiel cinéfilo cada barrigada de fitas em segunda mão que é um louvar a Deus.

«Animatógrafo», porém, nega a época de verão, não acredita nela e faria o impossível para convencer distribuïdores e exibidores a ganhar dinheiro, se não tivesse no seu activo (ou antes: no seu passivo...) a inglória campanha contra o segundo intervalo.

Ora a época de verão é uma espécie de segundo intervalo em ponto grande, em que os nossos exibidores fazem grande filé. E o mais curioso é que, na sua maioria, nem sequer vão gozar uma feriazitas...

Continuïdade

Quere dizer o arrazoado anterior que «Animatógrafo não suspende nem sequer diminui a sua periodicidade durante os meses quentes. Temos por norma a *continuïdade*. E passar a quinzenal o nosso semanário seria desmentir a nossa própria doutrina. Continuïdade na nossa publicação representa continuïdade no esfôrço, continuïdade na confiança, continuïdade na luta — que um dia, se Deus quiser, há-de deixar de ser contra os moinhos da rotina e da incompreensão.

«Foco»

Recebemos o primeiro número da revista mensal «Foco», que muito agradecemos, e a quem desejamos longa vida.

Douglas Faibanks Jr.

Douglas Fairbanks Jr. foi entrevistado, recentemente, no Rio de Janeiro, pelo correspondente de «Animatógrafo» no Brasil. Como se vê, o nosso jornal está sempre atento, nos quatro cantos do mundo, ao que se passa em matéria de cinema.

No próximo número, publicamos a entrevista concedida por Douglas Fairbanks Jr. ao nosso correspondente Fernando de Barros.

PORTUGAL já não é o último!

Ignoro se aqueles a quem incumbe o govêrno dos portugueses e a direcção das coisas portuguesas encontram nos seus múltiplos e graves afazeres alguns minutos para folhearem o «Animatógrafo». Suponho bem que não, e compreendo: o Cinema ainda não tem entre nós a «cotação oficial» necessária para ocupar no pensamento e no horário dos dirigentes o lugar que lhe cabe de direito, pelo papel importantíssimo e inegável que desempenha na vida contemporânea.

Não quere isto dizer — o que seria profundamente injusto — que os nossos governantes se desinteressem do Cinema e, mais particularmente, do Cinema Português. Pelo contrário, êle tem-lhes merecido, em muitas ocasiões e variadas circunstâncias, atenções e amparos, morais e materiais, a ponto de ser o Estado, até hoje, o mais importante «cliente» da Indústria Cinematográfica Nacional.

O problema cinematográfico português não pode resolver-se com soluções de pormenor, sem que se busque primeiro uma visão de conjunto das suas necessidades, das suas possibilidades e das suas aspirações.

Ora para que essa visão de conjunto seja perfeitamente clara, não há melhor auxiliar que a estatística, de que Portugal possui, aliás, um Instituto modelar.

Tenho diante de mim o quadro estatístico da produção cinematográfica mundial em 1938. Por êle pode ver-se que no último ano de paz se produziram em todo o Mundo 2.161 filmes de grande metragem, isto é: se todos êles passassem no mesmo cinema, durante um ano, teria que estrear nada menos de seis filmes diferentes por dia e não poderia voltar a exibi-los.

A pormenorização do quadro traz aos não-iniciados uma boa colecção de surprezas. Assim, tôda a gente supõe que a América do Norte é o continente que produz filmes em maior quantidade. Nada menos verdadeiro. O continente que mais filmes produz é... a Ásia! Nada menos de 967 filmes grandes (não confundir com grandes filmes...) dos quais 575 à conta do Japão e 200 à da Índia. Quere dizer que o Japão quási alcançou os Estados Unidos, que produziram 455, e que a Índia bate por muitas dezenas, como se verá, qualquer país europeu, incluindo a Alemanha, a França e a Inglaterra.

Depois da Ásia, ainda não vem a América do Norte, mas sim a Europa, com 609 grandes produções. Seguem-se os Estados Unidos com 455, e, finalmente, a América do Sul, com 130, das quais 60 cabem ao México, seguido pela Argentina, com 50; pelo Peru, com 11; pelo Brasil, com 4; Cuba, com 2; Uruguay e Venezuela com 1 cada um.

A análise da produção europeia é, por hoje, a que mais nos interessa. À cabeça — vem a Alemanha, com 137. E seguem-se os seguintes países: França (122), Inglaterra (85), U. R. S. S. (51), Itália (47), Tcheco-Eslováquia (41), Suécia (30), Hungria (26), Polónia (25), Finlândia (20), Dinamarca (9), Noruega (4), Turquia (3), Bélgica (3), Portugal (3), Holanda (2), Suíça (1).

Recordemos o leitor que esta relação se refere a 1938. Portugal vem quási na cola, ultrapassando apenas a Holanda e a Suíça, igualando a Bélgica e a Turquia.

Mas veja-se o que se passa em 1941. PORTUGAL VAI PRODUZIR AO TODO, ATÉ DEZEMBRO, 8 GRANDES FILMES. Dêsses 8 filmes, 3 são documentários e foram produzidos pelo Estado («A Exposição do Mundo Português» e «As Festas do Duplo Centenário», pelo S. P. N.; «Moçambique», pela Agência Geral das Colónias) os restantes 5 devem-se à iniciativa particular, embora um dêles tenha sido subsidiado («Ala, Arriba!») A Lisboa-Filme produziu um dêles, «Pôrto de Abrigo»; a Tobis Portuguesa produz actualmente dois: «Ala, Arriba!» e «Lobos da Serra»; António Lopes Ribeiro prepara outros dois: «O Pai Tirano» e «O Pátio das Cantigas».

Isso coloca-nos sòzinhos no 9.º lugar da escala europeia, em vez do 13.º que ocupávamos, com a Bélgica e a Turquia. A França passou, com a derrota, do 2.º para o 8.º lugar, com cêrca de 20 filmes, em vez dos 122 que produzia. Desapareceram por completo as produções tcheca, polaca, finlandesa, norueguesa, belga e holandesa, e diminuíram a russa, a sueca e a húngara. Em compensação, a Espanha, que não figurava no quadro de 1938, por estar em guerra civil, procura atingir, num esfôrço colossal, a média dos 100 filmes, o que lhe dará nada menos que o 2.º ou, pelo menos, o 3.º lugar na produção europeia dêste ano.

Ora oito filmes está ainda longe de corresponder à CAPACIDADE REAL da nossa indústria e do nosso mercado. Porque se os países de língua inglesa produzem filmes para 150 milhões de indivíduos, os russos para 100 milhões, os espanhóis para 90 milhões, os alemães para 80 milhões, os franceses para 60 milhões, nós, pela expansão da língua portuguesa poderemos, no dia em que tivermos consciência destas verdades elementares e quisermos estar à altura delas, produzir filmes para 55 MILHÕES de indivíduos que se exprimem em português!

E como a Espanha nos estende amigàvelmente os braços para um acôrdo cinematográfico de extraordinário alcance, e como a articulação portuguesa é a mais fácil de «dobrar» em espanhol, poderemos dispôr de nada menos de 145 MILHÕES de espectadores possíveis, ou seja quási tanto como o mercado anglo-saxónico pròpriamente dito.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

UM DOCUMENTÁRIO DE LEIRIA

visto por ACÁCIO LEITÃO

Já estavamos todos fartíssimos das fitas panorâmicas.

Entretanto surgiu, com as mais louváveis intenções, a obrigação legal de se incluir uma fita portuguesa no programa de cada sessão de cinema.

As fitas portuguesas que se tinham realizado até então ou enchiam a sessão inteira, ou eram panorâmicas, de maneira que, para se cumprir a determinação superior, recorreu-se a estas, rebuscou-se nos velhos arquivos e estabeleceu-se que tôda a sessão começaria por uma dessas fitas mudas, com os aspectos sertanejos das nossas províncias, filmados num tempo em que quási ainda era surpreendente e embasbacante ver-se na tela um vôo de ave, um cavalo a correr, a água a cair, a vaquinha a pastar...

Então, a não ser por volúpia de pontualidade, ninguém chegava ao cinema ao princípio da sessão.

Se alguém se apressava em casa, no alvorôço de se estar a fazer tarde, enquanto a senhora dava um retoque à sua «toilete», avivava o seu «rouge», punha o seu «baton», e o senhor passava pela vista o jornal da noite, logo se tranqüilizava, com êste argumento definitivo e definidor:

«Temos muito tempo. A estas horas ainda nem se passou a fita panorâmica...». E tôda a gente tratava de chegar ao cinema depois dela ter sido passada.

Todavia, a fita panorâmica, depois de ter feito a sua época, ainda se pode considerar como precursora dos modernos documentários em que, com os mesmos fins, se procuraram outros meios de interessar o espectador, fugindo à monotonia da sucessão de quadros quási estáticos e desertos, pondo acção e dinamismo nesses quadros, figuração e breves entrechos aliciantes, para que se vejam com interêsse as paisagens, os monumentos, os trechos de cidade, de campo ou de viagem que se querem fixar e mostrar.

Lembro-me do primeiro grande documentário dêste novo género, revelador dos novos processos, e em que se chegou a um verdadeiro preciosismo, na preocupação de atrair, pela acção, até ao pormenor, a atenção do público.

Chama-se o documentário «Sinfonia duma Capital».

A capital era Berlim e quando se mostrava uma rua da cidade, pela madrugada, uma rua deserta, sob a neblina, um papel caído no chão corria pela valeta e subia no ar a um sôpro, que também podia ser duma ventoínha, mas que dava exactamente a sensação com que se levanta a gola do sobretudo e se enfiam mais as mãos nas algibeiras, ao arripio da aragem fria e fina do romper da manhã, na rua deserta duma cidade do Norte.

Em Portugal, riquíssimo de cenários, fundos de paisagem, monumentos, bairros e povoações pitorescas, ruas de cidades, praias e montanhas, garrido e vivo mundo de costumes originiais, de variadíssimo folclore, tradições e lendas cheias de sedução, de mistério e de graça, os documentários quási estão a suceder, a *acontecer* todos os dias, a tôdas as horas, nos lugares que basta percorrer, escolhendo os quadros que surgem à vista, à objectiva, do observador curioso.

Assim se realizou o melhor, ou o único documentário português digno dêste nome, ali na Praia da Nazaré, onde a agitação, o dinamismo, a vida dos pescadores, foi admiràvelmente surpreendida e focada por Leitão de Barros.

Mas é certo que se a Nazaré, como o Ribatejo, a Borda de Água, que ainda não foi aproveitada para um documentário típico e flagrante, oferece, além dos cenários, da luz e do ambiente, a própria acção que se desenrola no constante movimento, na vibração das fainas da pesca, noutros lugares e regiões é necessário procurar, senão inventar, a figuração e os entrechos que dêem vida ao que, por estático, a não tem natural e espontâneamente.

É o caso mais frisante do monumento, do mosteiro, do castelo, e até de certas povoações, e a certas horas.

Leiria, por exemplo, tem os seus dias, os seus trechos, a que apenas faltam, para lhes dar a graça de um atractivo ou de um pormenor, algumas breves passagens e encontros de figuras e circunstâncias que acompanhem ou comentem quadros e cenas de sabor regional e popular, que nesses dias alegram e agitam a cidade e os arredores, as ruas e os largos, as estradas e os caminhos das proximidades.

Os dias de mercado de Leiria são grandes documentários de vida regional em aspectos cheios de relêvo, de borborinho, de movimento, a que bastará pôr a nota sentimental ou cómica duma conversa de namorados na fonte, dum regateio na praça, da intervenção de alguns tipos populares, como compadres dessa garrula revista de costumes, para compor sugestivamente êsses quadros, com que deparamos a cada instante e a cada esquina.

Aqui, vendem a fruta, a hortaliça, a criação, o peixe, as mulheres das aldeias e das praias próximas, animando e colorindo o mercado, com a vivacidade das suas expressões e dos seus trajos.

Noutro lugar, grupos de homens, sérios, desconfiados, entendidos, discutem o valor da junta de bois ou da marrã que estão ao lado, depois de os terem observado demoradamente, com atenção e experiência.

Acolá, à porta duma taberna, passa de mão em mão e de boca em boca o copo de meio litro de vinho tinto que provocou o diálogo de cortesia entre o que o mandou vir e o primeiro a quem o ofereceu

— «Vá lá, compadre».

— «Está em boa mão».

— «Para melhor vai...»

— «Então, cá vai à sua saúde!...»

Mas, enquanto percorremos o mercado, como a qualquer hora de qualquer dia, Leiria tem uma presença que não nos deixa distrair mais que uns instantes, de que sentimos sempre próximo o vulto, dominando a cidade e a paisagem, lançado para o alto, numa arrogância de grandes linhas verticais e debruçado sôbre a povoação e sôbre os campos, na crista do enorme penhasco vulcânico em que assentam os seus muros, as suas tôrres quási milenárias, evocadoras de heroísmos e de milagres, de poesia e de lenda, de tradição e história.

É o vulto do castelo que D. Afonso Henriques tomou aos mouros e foi moradia de D. Deniz e da Rainha Santa, onde esteve D. João I, depois de Aljubarrota e meditou D. Duarte o «Leal Conselheiro».

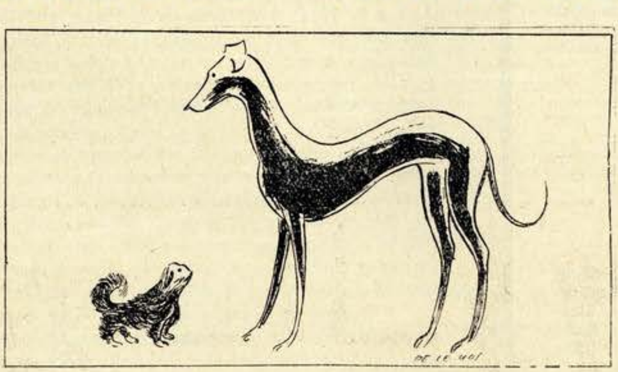
Vulto enorme e estático ainda que dominante, imponente, como um surpreendente fundo, não pode ficar assim apenas, enorme e inerte, no nosso documentário.

Recordo-me da minha infância, de quando brincavamos às guerras, no castelo, eu e os outros pequenos da mesma idade, saltando pelos muros, correndo a assaltar ou defender as entradas, perseguindo o *inimigo*, desbaratado, na fuga pela encosta agreste. E imagino o castelo agitado pelas sugestões duma dessas guerras de miudos, sentindo-se guerreiros dos tempos heróicos, uns, os cristãos, de grandes barretinas de papel e montantes de pau, outros, os mouros, com as cabeças cobertas com lenços brancos, atados nas quatro pontas, e alfanges de pinho...

São os cristãos que vencem e

(*Conclui na pág. 18*)

RAZÕES CANINAS



— Há leis dos homens que são uma imoralidade! Fazem-nos entrar nos filmes, como o Astor, por exemplo, e não nos deixam entrar nos cinemas!



«LEO» o campeão da Academia!

«Leo» é, sem sombra de dúvida, o campeão da Academia. Todos os anos conquista o maior número de prémios porque, todos os anos a sua produção é superior à de qualquer outra companhia.

Hoje em dia, «Leo» é um símbolo — o símbolo da perfeição. Cada fita da «Metro» — que o rugido de «Leo» anuncia e apresenta orgulhosamente — é, senão uma obra-prima, pelo menos uma obra perfeita.

★

Tem acontecido muitas vezes que «Leo» sacrifica a tudo a sua ânsia de perfeição. Mas isso não quere dizer que as suas fitas sejam menos comerciais, porque o público também aprecia a «qualidade».

★

«Leo», de ano para ano, melhora a sua produção.

Para 1941-1942, prepara fitas ainda mais perfeitas que as dos anos anteriores. Isto quere dizer que, em 1941-1942, «Leo» vai ser novamente o campeão da Academia!



«LEO» o campeão da Popularidade!

A Metro-Goldwyn-Mayer
A COMPANHIA DE «NINOTCHKA» e «BALALAIKA»
vai triunfar novamente em 1941-1942!

«Leo» apresentou, em 1940-1941: NINOTCHKA, BALALAIKA, IDÍLIO MUSICAL, A PASSAGEM DE NOROESTE, O FEITICEIRO DO OZ, TOM EDISON O PEQUENO GÉNIO, DE BRAÇO DADO, OS FUGITIVOS DA GUIANA, A LOJA DA ESQUINA, ORGULHO E PRECONCEITO, ESTA MULHER É MINHA!, OS MARX NO FAR-WEST, OS TEMPOS MUDARAM, O CONDE DE CHICAGO, TRÊS SEM JUÍZO, MULHERES, etc., etc. — um nunca acabar de grandes fitas, que foram outros tantos grandes êxitos de bilheteira.

Para 1941-1942 «Leo» promete exceder-se a si próprio, apresentando uma produção ainda mais valiosa

Para que se não diga que falamos por falar, aí vai a comemoração dalguns espectáculos que — garante a Metro Goldwyn Mayer — serão os maiores êxitos da futura temporada:

Clark Gable, Spencer Tracy, Claudette Colbert, Hedy Lamarr e Frank Morgan (cinco grandes estrêlas) interpretam «Dois contra o mundo» (Boon Town) que Jack Conway realiza. Gable contracena também com Hedy Lamarr em «Camarada X», dirigidos brilhantemente pelo grande King Vidor. Spencer Tracy faz mais duas grandes fitas: «A vida de Edison», realizada por Clarence Brown, e «Alarme na Cidade dos Rapazes, como que a continuação de «Homens de Amanhã», também com Mickey Rooney e a direcção de Norman Taurog. Hed Lamarr, além de contracenar com Gable nas duas fitas mencionadas, aparecerá com James Stewart, em «Compra-se um marido» (director Clarence Brown) e em «The Ziegfeld Girl», onde também veremos Judy Garland e Lana Turner. Judy Garland — talvez a maior descoberta dos últimos tempos — interpreta com Mickey Rooney «O Rei da Alegria»», que é melhor que «De Braço Dado»! Por outro lado, e sob a direcção de Norman Taurog, faz «Um amor de Rapariga» com George Murphy. Myrna Loy e William Powell são os protagonistas de «O esquecido» — comédia louca de Van Dyke. Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy aparecem juntos em «Biter Sweet» — nova maravilha do «Technicolor». «Casamento escandaloso» é uma comédia inegualável com James Stewart, Katherine Hepburn e Cary Grant. «Patrulha de Águias», soberbo romance de aviação será a corôa de glória de Robert Taylor. Myrna Loy e Melwyn Douglas interpretam a comédia «Casada com... Ninguém». Wallace Beery faz duas fitas: «Sangue de Fogo» e «The Bod Man». A família Hardy surgirá em «A secretária de Andy Hardy». ...e «Leo» não ficará por aqui!...

«Leo» representa a emprêsa cujas fitas o público prefere. Se indagarmos as causas dessa preferência, vamos encontrá-las na qualidade dos assuntos, na popularidade das estrêlas, na competência dos realizadores — em suma: em todos os elementos capazes de transformar uma obra de arte num espectáculo do agrado das plateias.

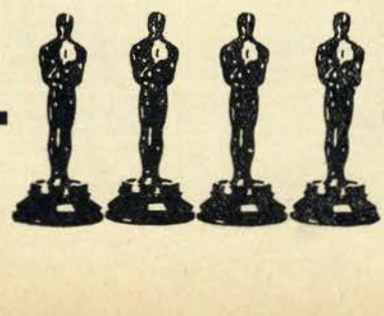
★

Os concursos e inquéritos realizados anualmente dão a «Leo» o título justo de campeão da Popularidade. «Balalaikas» e «Ninotchkas» só «Leo» consegue produzir. Artistas como Clark Gable, Greta Garbo, Mickey Rooney, Myrna Loy, Spencer Tracy, Judy Garland, Hedy Lamarr, Robert Taylor, etc., etc., só «Leo» mantém sob contrato.

Com tão excelentes elementos não admira que «Leo» seja o ídolo das multidões que freqüentam os cinemas.

★

Quem ler as notícias da produção da M. G. M. para 1941-1942 decerto deduzirá que, para o ano, «Leo» continuará a ser o «Campeão da Popularidade!





A arte de ver um filme (IV)

A realização // A direcção técnica // A fotografia O enquadramento // Os efeitos especiais

(Cont. do número anterior)

Pois, a realização dum filme — aceitemos por bom o que se popularizou — divide-se em duas partes inter-dependentes: uma, encenação; outra, direcção técnica.

Na generalidade, estas duas funções são exercidas por uma só entidade; mas em muitos filmes de Hollywood lê-se nos letreiros de apresentação: «Direcção de F. — Encenação de S.» E isto sem falar na super-visão, na direcção artística, nas mil e uma direcções que tornam quási confusa a verdadeira função do realizador...

No Cinema, o realizador é o elemento número 1. O seu nome constitui, quási sempre, a melhor chancela, o melhor certificado para o público e para a crítica. E, de facto, quão diferentes são os estilos e os processos dos realizadores! O espectador não deve ignorar os seus nomes e perderá um dos melhores elementos do espectáculo se não profundar o «modus-faciendi» de cada um dos encenadores. Assim, William Wyler, o director do «Monte dos Vendavais» e do «Veneno Europeu» não é igual a Lubitsch, o encenador de «Ninotchka» e da «Loja da Esquina». Sam Wood, o realizador de «Kitty, a rapariga da gola branca» e do «Diabo e a Menina» não se assemelha a Frank Capra .Cada qual tem o seu estilo, o seu processo, a sua tendência. Para assuntos sociais e panfletários, Capra («Não o levarás contigo», «Peço a Palavra!»), para novelas policiais ou de fundo policial e misterioso, Alfred Hitchcock («Os 29 degraus», «Rebecca», «Correspondente de Guerra»). No tempo do mundo, também já se conhecia a tendência do filme consoante o assinava Fritz Lang, Pabst, Epstein, Gance ou L'Herbier.

A realização é o filme. Tudo se condensa nesse acto genésico, tudo ali nasce e ganha volumes e valores. Porisso não é disparatado — pelo contrário — interessar-se o público um tudo-nada por saber quem são êsses homens que assinam um trabalho cinematográfico e que se responsabilizam pela acção dumas dezenas de colaboradores.

É a realização que materializa o ambiente criado no argumento, forma a «atmosfera» necessária ao desenrolar da acção e dá à interpretação o ritmo desejado. Com a encenação, o director cria um mundo onde, como um Prometeu, vai insuflar vida em figuras que alcançarão a simpatia ou o interêsse ao público.

Ora, assim como o apreciador de obras pictóricas gosta de conhecer a técnica, o processo, a «escola» dos seus pintores favoritos e se demora a avaliar os efeitos de luz e de perspectiva, o desenho das figuras e até a pincelada dos mestres, o espectador de Cinema decerto tirará mai r proveito da visão dos filmes se conhecer a técnica, o processo, a «escola» de cada encenação e de cada encenador.

Encenar, ou seja a tarefa de «pôr em cena», constitui uma arte — a arte de criar ambientes (conforme já dissemos) e de movimentar figuras e grupos, dando-lhes vida, carácter e verdade.

Em primeiro lugar, cumpre saber: conseguiu o realizador dar-nos o ambiente do filme? Soube respeitar a característica das personagens — o seu temperamento, o seu carácter, a sua maneira de agir e de reagir consoante a idade ,a profissão, a psicologia, a cultura e até a época em que aquelas vão viver? Porque tudo isto tem muita importância, e assim como um ancião se não movimenta nem reage como um adolescente, um diplomata não actua como um campónio, nem um sangüíneo age como um nervoso. Estão certas as personagens? Soube o realizador manter sempre no nível necessário as suas características? A decoração está cuidada com propriedade? As iluminações condizem com a acção? Claro que — devimos notá-lo aqui — não há regra que se não altere por causa do mais belo, conforme era opinião de Wagner. Assim, as iluminações de «Rebecca» (A mulher eterna) se nem sempre eram lógicas, conseguiam ser sempre belas e dar-nos a verdadeira «atmosfera» em que se desenrolava o drama passional.

O Cinema é um espectáculo vertiginoso; ainda mal pudemos analizar um quadro projectado na tela e já passámos a outro e a outro ainda. Mas habitue-se o espectador a concentrar a sua atenção, a apurar os seus sentidos — principalmente o visual — e fique certo de que verá, se não tudo, pelo menos o mais importante e que está para além dos actores que se movimentam diante da objectiva. Um pouco de concentração e de treino, e eis o espectador a descortinar coisas belas: um efeito de luz, um pormenor de indumentária, as marcações, uma expressão, um efeito fotográfico...

Mas é só isto o que há a admirar no trabalho do director do filme?

Não, porque, além da encenação, temos a considerar outros aspectos não menos belos, interessantes e de capital importância.

Fazer um filme é criar imagens e para estas resultarem importa dar-lhes harmonia e beleza. Portanto, a câmara de filmar não actua apenas para registar imagens em celuloide; tem funções mais vastas: não só fotografa, mas também dá um significado a cada cena, a cada plano, muitas vezes até às personagens. A câmara de filmar constitui um elemento interpretativo de real importância.

Sabe qualquer amador fotográfico não ser indiferente a colocação da sua câmara para tirar um retrato. A simetria perfeita dá imagens monótonas. Nas paisagens, uma árvore isolada não pode ficar ao centro do quadro mas um pouco ao lado; a linha do horizonte não deve cortar a imagem em duas partes iguais; também se deve evitar um assunto precedido de um grande primeiro plano: praia, campo, vasto terreno, muito céu: todos os cuidados são poucos para *enquadrar* bem o assunto. O *enquadramento* é, na verdade factor primário pelo qual se avalia o quilate, o bom gôsto e o temperamento do realizador. Está bem composto o assunto? O ponto exacto para colocar a câmara é aquele? A imagem resulta em equilíbrio, harmonia e beleza? Então, está certo o plano, está certo o enquadramento, está certíssimo o ângulo de filmagem.

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

Preguntas de ALGIBEIRA

Estão aqui oito «tests». A cada um dêles vão apensas várias soluções: uma só, porém, está certa. Pelo tempo que ao leitor fôr necessário para as encontrar, pode julgar das suas qualidades de memória e da extensão dos seus conhecimentos.

ANIMATÓGRAFO estabelece 25 pontos a cada resultado certo. A soma dos pontos obtidos representará o grau de categoria cinéfila do leitor.

Damos a seguir a tabela de pontos:

200 — cinéfilo distintíssimo.
150 — cinéfilo distinto.
125 — cinéfilo razoável.
100 — cinéfilo sem mais nada.
75 — cinéfilo nas horas vagas.
50 — cinéfilo... mas talvez não.
25 — cinéfilo manhoso.
0 — não é, com certeza, cinéfilo nem leitor do «ANIMATÓGRAFO».

E pôsto isto, vejam se sabem responder:

1 — Em que cidade e em que data nasceu Gene Autrey? Foi em:

— Philadelfia, 8 de Agôsto de 1910?
— New York, 31 de Fevereiro de 1889?
— Tioga (Texas), 29 de Setembro de 1907?
— S. Francisco (Califórnia), 7 de Maio de 1906?

2 — Que idade tem Bette Davis?

— 30 anos?
— 31?
— 32?
— 33?
— 34?
— 35?

3 — O pato Donald usa:

— chapéu de côco?
— boina espanhola?
— chapéu alto?
— panamá?
— boina de marinheiro?

4 — Como se chama o protagonista de «Lôbos do Mar»? É:

— Wallace Beery?
— Melvyn Douglas?
— James Stewart?
— William Powell?
— Charles Ruggles?

5 — Quem é Vaughn Paul? É o:

— campeão de «box» que causou recentemente assombro em Los Angeles?
— actor do cinema que rivaliza com Mickey Rooney?
— marido duma multimilionária de quem enviuvou quatro dias depois?
— marido de Shirley Ross?
—autor das novelas que servem de base para os filmes da série Kildare?

6 — Carmen Miranda, a triunfadora de «Sinfonia dos Trópicos» é portuguesa. Mas onde nasceu:

— Pampilhosa do Botão?
— Viana do Castelo?
— Alferrarede?
— Marco de Canavezes?
— Tôrres Vedras ?

7 — O «Amor de Perdição» foi filmado em 1920. Quem era a protagonista?

— Palmira Bastos?
— Amélia Rei Colaço?
— Brunilde Júdice?
— Beatriz Costa?

8 — Qual foi o artista de cinema que deu mais dinheiro a ganhar aos produtores de filmes em 1930? Foi:

— Clara Bow?
— Collen Moore?
— Greta Garbo?
— Janet Gaynor?
— Joan Grawford?

CINEMA DE AMADORES

APROVANDO...

Os amadores do Pôrto, recordando a nossa iniciativa e mercê dos nossos esforços nesse sentido, organizaram recentemente na capital do Norte a «Associação Portuense de Amadores de Cinema».

Para isso convocou-se todos os amadores daquela cidade para uma reünião que se efectuou na sede da Associação Cristã da Mocidade, na rua José Falcão, onde o sr. Alberto Sousa Pinto expôs aos presentes a necessidade urgente de se aceitar a filiação da A. P. A. C. no C. P. C. A. podendo müito bem ser aquela entidade a representante ou delegada do Club no Pôrto.

E com o fim de resolverem tôdas as questões que semelhante organização traz, deslocaram-se, até Lisboa, dois representantes dos amadores da Cidade Invicta que se avistaram com alguns dos dirigentes do C. P. C. A., conforme notícia que damos noutro local.



Na sessão de propaganda da A. F. A. C. na sede da A. C. M., no Porto, o sr. Alberto Souza Pinto lê uma apreciação sôbre as possibilidades dos amadores daquela cidade se agruparem numa só sociedade

agruparem a fim de, em comunicação com o Clube Português de Cinema de Amadores desenvolverem a cinematografia de formato reduzido no norte do país.

Evocaram-se, nessa sessão os nossos trabalhos no sentido de agitar e incitar ao trabalho os amadores daquela cidade. Lembrou-se também o nosso interêsse em se organizar no Pôrto, uma delegação da C. P. C. A.

E todos foram unânimes em

Êste estreitamento de relações entre os amadores do Pôrto e de Lisboa agrada-nos bastante.

Tivemos, desde o princípio, a preocupação de obter uma união de todos os amadores de Portugal. Se não foi possível, logo no início, esta organização, isso deve-se principalmente a pessoas menos interessadas que provocaram, indirectamente uma desorientação entre alguns dos amadores nortenhos.

Mas aqueles que se interessaram verdadeiramente por esta iniciativa não desistiram de trabalhar, e tanto se esforçaram que, apesar da atitude de outros, menos entendedores das necessidades inerentes aos amadores de cinema, conseguiram realizar inteiramente as suas louváveis intenções.

Com êles estão uma maioria esmagadora de amadores de Cinema. Para êles vão as nossas felicitações e a inteira aprovação de todos os seus trabalhos.

Nós, que tivemos, por mais de uma vez, ocasião de estar em contacto com os amadores portuenses, sabemos muito bem do que são capazes. Confiámos sempre neles e nunca nos arrependemos. Se acaso houve desinteligências elas devem-se principalmente a pessoas que não querem ver nítido o que se apresenta nítido. É geralmente uma questão de feitio ou de interêsse.

Achamos lamentável, que à margem de um movimento artístico se anteponham interêsses comerciais. E não só é lamentável mas também condenável.

Não se impeça de trabalhar, quem quere trabalhar, lá porque se deseja obter lucros comerciais.

Contem connôsco os amadores de Cinema do Pôrto. Nós estamos sempre prontos para auxiliar o desenvolvimento da cinematografia de amadores em Portugal.

JOÃO MENDES

UMA SESSÃO NO C. P. C. A.

Organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores realizou-se na sua sede, Largo do Chiado, 12, 2.º, uma sessão de filmes de amadores.

Foram projectados os seguintes filmes:

De 8 m/m.

«Reparação dum cabo submarino» e «Quatro dias na Mata», do sr. eng. Italo Rizzetti.

De 9,5 m/m.

«Viagem a Marrocos», do sr. Mateus Júnior: «Quadra Festiva», do sr. Álvaro Antunes e «Ribeira Nova», do sr. Celestino Teixeira.

De 16 m/m.

«Processos modernos de modelação de Animais por formação directa» e «Cresta, colheita do mel», do sr. eng. Carneiro Mendes.

Uma numerosa e selecta assistência enchia a vasta sala de projecção do C. P. C. A. tendo sido todos os filmes muito aplaudidos.

ESTIVERAM EM LISBOA representantes dos amadores do Porto

No rápido da tarde, de sabado passado, chegaram a Lisboa, os srs. Acácio Pestana e Alberto Sousa Pinto, como representantes dos amadores do Pôrto, para conferenciarem com alguns dos componentes da Direcção do Clube Português de Cinema de Amadores a fim de ultimarem as negociações encetadas pelo nosso redactor João Mendes para a criação, no Pôrto, de uma delegação, ou representação do C. P. C. A.

No domingo de manhã em casa Amadores e os representantes dos Amadores do Pôrto. Além dêstes compareceram ainda os srs. António Bernardo e João Mendes.

Iniciados os trabalhos, o sr. Alberto Sousa Pinto apresentou uma proposta dos amadores do Pôrto, agremiados na Associação Portuense de Amadores de Cinema, que foi aprovada para ser discutida na reünião da Direcção do C. P. C. A..

À tarde, os visitantes, acompanhados por João Mendes visita-



Em frente ao Estúdio da Tobis Portuguesa quando da visita dos representantes dos amadores do Porto. Da esquerda para a direita: O realizador Leitão de Barros, o nosso redactor João Mendes, Alberto Sousa Pinto e Acácio Pestana do Porto, o dr. Rodrigues Pinto, da Tobis Portuguesa, Artur Duarte e operador Octávio Bobone

do sr. Fernando Ponte e Sousa, vice-presidente do Grémio Português de Fotografia, reüniram-se os srs. eng. Carneiro Mendes, Álvaro Antunes e Artur Rodrigues da Fonseca, respectivamente, vice-presidente e secretários do Clube Português de Cinema de

ram o Estúdio e anexos da Tobis Portuguesa.

Novamente, ao caír da tarde, reüniram-se em casa do sr. Fernando Ponte e Sousa para resolverem alguns pontos da proposta apresentada, regressando nesse mesmo dia à capital do Norte.

O CINEMA PORTUGUÊS EM MARCHA

OS PRIMEIROS CENÁRIOS DO FILME «O PAI TIRANO»

«O Pai Tirano» tem como principal objectivo — fazer rir. Mas os autores dos diálogos — A. L. R., Vasco Santana e Francisco Ribeiro — tiveram como norma pôr de parte tudo o que pudesse ser tomado por grosseiro ou vulgar. Não tiveram a pretensão de criar um estilo novo. Mas pretendem provar que é possível, com um pouco de imaginação, remoçar processos clássicos que, desde Gil Vicente até Ernesto Rodrigues e André Brun (para só falar dos mortos), demonstraram ser *infalíveis*, e os que verdadeiramente representam o humorismo ou, melhor: a graça portuguesa.

No «plateau» grande do Estúdio da Tobis Portuguesa, alugado desde o dia 16 dêste mês à Produção António Lopes Ribeiro, constróiem-se, dentro do plano estabelecido, alguns dos principais cenários do filme «O Pai Tirano».

Conforme já «Animatógrafo» tem informado um dos mais importantes momentos da acção do primeiro filme da Prod. A. L. R. decorre num teatro de amadores. Foi portanto necessário edificar o complexo do teatro, de que faz parte, a Sala, com uma ordem de balcão, o palco, os camarins, o corredor dos camarins e o indispensável bufete.

Nesta primeira série de cenários para «O Pai Tirano» estão também a ser construídos os seguintes *décors:* Complexo de uma pensão, composto por sala de jantar, um quarto, corredor e escada; e a secção de sapataria de um dos maiores Armazéns da capital.

A equipa de construção é dirigida por Francisco Duarte, que na própria Tobis Portuguesa e na Exposição do Mundo Português deu as melhores provas da sua competência.

Na secção de Serviços Técnicos, da Prod. A. L. R. o desenhador Roberto Araújo, autor das «maquettes», estuda o melhor aproveitamento do esbôço no *plateau*, o que é importantíssimo factor na economia cinematográfica, para o 2.º ciclo de construções, que se devem iniciar logo após a filmagem de todos os interiores que neste momento se controiem.

Com Roberto Araújo trabalham Silvino Vieira e Leite Rosa, como assistentes-decoradores.

Dentro de dias estarão prontos para filmar todos os cenários do primeiro ciclo de construções.

As filmagens de «O Pai Tirano», que deviam começar no próximo dia 30, foram, a pedido da Tobis Portuguesa, adiadas para o dia 7 de Julho, para permitir que o operador César de Sá termine, em Arcos de Valdevez, as filmagens de «Lôbos da Serra», de Jorge Brum do Canto. Isso em nada influirá, no entanto, a data da estreia do filme, marcada para meados de Setembro.

As filmagens devem prolongar-se durante seis semanas. Logo que terminem, começará a construção dos cenários interiores de «O Pátio das Cantigas», segunda produção António Lopes Ribeiro, a estrear em Dezembro dêste ano.

«ALA, ARRIBA»

ENTROU EM MONTAGEM

«ALA, ARRIBA!» entrou na sua derradeira fase: a montagem. Aqueles quilómetros de película impressionada vão ser retalhados, ordenados; as figuras e as coisas nelas fotografadas vão animar-se e ter vida.

É um trabalho insano o que principia agora: dali sairá um espectáculo, com emoção, ritmo e harmonia.

Se o profano visse agora aquelas dezenas de bobinas armadas em prateleiras e desarrumadas em mesas de montagem, e se as projectasse, teria a sensação de provar um fato apenas alinhavado.

Dessa fase primária até ao arranjo final, que distância a percorrer! que sacrifícios o celulóide — o frágil celulóide — vai sofrer para nosso futuro prazer!

Os projectores apagaram-se; as câmaras de filmar voltaram para as suas caixas estanques. Um mundo novo vai surgir agora. Dum caos de celuloide quebrado, por entre o ruído de tesouras que dilaceram a película, o rumor de engrenagens, o estrépido de altos-falantes e o cheiro de acetona — cena a cena, imagem a imagem, «ALA, ARRIBA!» vai renascer e formar-se para ser projectado.

O que está feito, está feito. O que se registou já não volta a ser registado, mas é no laboratório que se decide ainda a sorte da produção que se prepara. Depois de ter feito análise, o realizador — ou o montador — procede a trabalhos de síntese. O filme ganha forma. A história vivida na Póvoa volta a reviver, desta vez mais formosa, em fragmentos da película.

Tudo vai ter a sua seqüência lógica.

O grito «ALA, ARRIBA!» está prestes a ser ouvido no Cinema.

Entre outros, um pormenor existe que faz aumentar a espectativa com que êste filme é aguardado: o facto de Leitão de Barros ter prescindido de actores, para levar à tela autênticas figuras de poveiros que nunca pensaram em interpretar cinema.

Sabemos que a convicção que êsses intérpretes do povo imprimiram aos seus papéis é simplesmente espantosa; que a naturalidade com que representam e falam é excepcional. Dir-se-ia que, ao contrário do menino romântico e do galã de bigodinho loiro, que só pensam em olhar para a câmara, êles se esquecem de que esta existe para só pensar naquilo que vão fazer.

Porque — maravilha de simplicidade e de são respeito pelo trabalho — os intérpretes da «ALA, ARRIBA!» não representam: vivem!

A EQUIPA DE

«LOBOS DA SERRA»

FILMA OS DERRADEIROS PLANOS DAQUELA PRODUÇÃO

Alguém disse que o Cinema é a Arte da Ilusão.

Mas para criar essa ilusão, quantos esforços e canseiras não são precisos! Quantas surprêsas e contratempos não surgem para os que se dedicam, com amor e vontade, a erguer essas obras de ilusão que são, afinal, os filmes cinematográficos!

Aos autores dessas obras, seja qual fôr a sua origem, e por mais previdentes que sejam, sucede-lhes quási sempre as mais imprevistas contrariedades.

Em Portugal, para se não ser uma excepção, também acontecem as coisas mais extemporâneas que é possível supôr.

Com a equipa de «Lôbos da Serra» têm acontecido alguns desaires, que explicam, claramente, o motivo de êste novo filme português não se encontrar ainda concluído.

Dentro do plano de trabalho, estabelecido durante a preparação do filme, realizaram-se intensamente, e sem a menor interrupção, todos os interiores e alguns exteriores.

Deslocou-se, então, a equipa ao norte do país, para filmar os exteriores originais, e durante cêrca de dois meses os trabalhos estiveram completamente paralisados devido ao mau tempo.

Jorge Brum do Canto e os seus colaboradores, aborreceram-se com o facto, metidos numa prisão forçada, sem quási poderem sair à rua, devido à chuva.

Regressados à capital, iniciou-se no Estúdio da Tobis Portuguesa, a filmagem de algumas das cenas que estavam marcadas para serem feitas no Minho. E assim, aproveitando-se alguns dos anexos do Estúdio, filmou-se no velho pátio da Quinta das Conchas, que já serviu de fundo da acção de alguns filmes portugueses, uma das mais importantes cenas de «Lôbos da Serra».

Foi numa das últimas semanas, naquela em que o calor atormentou, com maior violência, os alfacinhas. Foram dias de sacrifício e de esforços tanto dos componentes da equipa como dos artistas e figurantes.

Trabalhava-se sob um sol intenso, com reflectores... e projectores de 10.000 wts....

O campo da acção era pequeno e abafado, e dezenas de figurantes vestidos com os pesados fatos característicos da região minhota trabalhavam lado a lado com os artistas, sem quási poderem respirar.

Num ambiente dêstes, realizou-se a mais dramática e culminante de tôdas as cenas do novo filme de Jorge Brum do Canto: a discussão entre o sargento Batata (Manuel Santos Carvalho e o Joaquim (Carlos Manuel).

Para amenizar o ambiente, resolveu-se regar as paredes e o solo, mas de pouco valia, pois dentro de segundos era como se nada se tivesse feito.

Maria Domingas, que envergava o lindo fato preto de noiva de Viana, que esteve exposto na Exposição do Mundo Português e que foi gentilmente cedido pelo Secretariado da Propaganda Nacional, embora estivesse protegida por grandes guardas-sóis e só ensaiasse na último momento, deu a certa altura mostras de insolação. E assim como Maria Domingas, também o pequeno João Marques, um dos intérpretes do filme, sentiu-se indisposto. E quási todos os presentes se viram atrapalhados com tão alta temperatura. Mas o que lá vai, lá vai.

Agora estão no Minho, e dentro de dias, de novo em Lisboa com tudo o que faltava filmar, terão apenas um pormenor num exterior nocturno.

E depois... «Lôbos da Serra» estará pronto para a montagem.



LEW AYRES

Popularizado pela série «DR. KILDARE», da M-G-M, êste consciencioso actor possui, no entanto, reais qualidades que lhe permitem interpretações de maior envergadura


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade
eternamente.
Nada há que nos relate o passado, com tanta realidade, com tanto interêsse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro...
Centenas de milhares de pessoas fazem hoje os seus filmes e dêles fruem enorme prazer. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se não repetem, que é vosso desejo lembrar para todo o sempre...
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

POLA NEGRI

passou em Lisboa a caminho da América



Entrevistada pelo nosso colaborador Fernando Fragoso, Pola Negri acedeu de boa mente a confiar-lhe as suas impressões

Pola Negri está em Lisboa. Vai a caminho da América, disposta a retomar o seu lugar no mundo do cinema, onde brilhou com o maior fulgor. A Princesa Mdivanni abandonou, assim, o seu castelo em Cap de Saint-Ferrat, na Côte de Azur, e, sob o nome de guerra com o qual conquistou a celebridade, reatou a sua carreira — que tem oscilado entre o Amor e o Cinema num equilíbrio instável, que ora se decide por um, ora se pronuncia pelo outro...

Alguns jornais portugueses pintaram Pola Negri como uma «ruína». A fazermos fé pelos seus relatos, inspirados por uma piedade mais ou menos sincera, a vedeta estaria pràticamente liquidada. como mulher e como artista. Nada mais falso. É certo que a Pola Negri de hoje não é a mesma dos bons tempos da *Dubarry* ou do *Poder da Paz*. Fisicamente, porém, continua a ser uma linda mulher, de porte elegantíssimo, que se impõe à nossa admiração. Os seus quarenta e dois anos não são uma desvantagem para o cinema. Como artista, inteligente e culta, ainda recentemente interpretou quatro filmes na Alemanha, entre os quais *Mazurka*, de Willy Forst, e *Tango Nocturno*, onde se revelou a mesma vedeta talentosa e sensível, de sempre.

No fundo, estes artigos moldados num tom lamentoso, de falsa piedade, e tendentes a provar como é fugaz a glória das celebridades da tela, encobrem quási sempre a má-vontade com que certos espíritos «superiores» ainda encaram o cinema... Revelando a decadência dos que ontem foram ídolos, julgam êles que deminuem a Arte das Imagens. Quando, afinal, essa é uma das provas da sua fôrça e da sua permanente inquietação. O cinema «consome» mais do que qualquer outra Arte, os intérpretes, as energias e os próprios motivos que cria; mas sabe encontrar, no ritmo de que necessita, os elementos para substituir os que vão caindo... E essa é uma demonstração eloqüente da sua mocidade, da sua vitalidade...

Pola Negri — vedeta de cinema

Prodigiosa vida, maravilhosa carreira, a de Pola Negri! Bailarina do Teatro Imperial de Moscovo, actriz do Real Teatro de Varsóvia, foi um encontro com Chaplin, quando da visita dêste a Berlim, que lhe sugeriu a ideia de abandonar o palco pela tela. O cinema, interessou-a vivamente. Mas, o mais curioso é que pretendeu ser realizadora, antes de ser actriz. Num estúdio improvisado, depois de ter visto um filme de «cow-boys», que lhe deu no gôto — Pola produziu *Mau Olhado*, do qual apenas se tirou uma cópia, e que nunca foi exibido em público.

Pela mão de Max Reinhardt deu entrada nos estúdios. *Sumurum*, onde vivia o papel de escrava, ditou a sua carreira de vedeta. Depois, veio *Du Barry*, de Lubitsch, uma das suas coroas de glória, e cujos interiores foram filmados, em parte, em «Sans Souci» — o Palácio de Frederico, o grande. Os sumptuosos salões onde se desenrolaram alguns factos dominantes da História da Alemanha, representavam, no Cinema, os aposentos e as grandes salas de Versailles...

Outros filmes e outros êxitos, vieram até à sua partida para Hollywood.Pola Negri foi uma das primeiras vedetas a deixar a Europa pela Cinelândia. Ali se conservou durante alguns anos, em plena glória. E surgem então filmes célebres, cujos títulos perduram na memória dos espectadores: *Sangue Cigano*; *O Poder da Paz*, cheio de generosas intenções pacifistas; *Hotel Imperial*, que a Paramount refilmou o ano transacto; *O Paraizo Proibido*, de audacioso tema, que foi estreado em Lisboa num dos Teatros do Parque Mayer, que então funcionava como cinema. Finalmente, a vedeta regressou à Europa. Seguiu-se uma das muitas luas de mel que ela teve pela vida fora... E, há pouco tempo, interpretou, para a Tobis alemã, quatro filmes, dos quais apenas vimos *Mazurka Trágica*, com Willy Forst — muito embora Pola Negri considere *Tango Nocturno*, o melhor de quantos últimamente filmou.

Romanza sentimental...

Pola Negri pode considerar-se uma das grandes amorosas do cinema — na tela, como na vida real! Poucas vedetas terão despertado tantas paixões entre a multidão dos admiradores das salas escuras, como a intérprete da *Du Barry*. Vamp *malgré elle*, com o seu corpo coleante, olhos negros, rasgados e profundos, cabelos de azeviche a emoldurar um rosto enigmático e prometedor — Pola Negri teve uma carreira sentimental acidentada, com alguns escândalos amorosos de repercussão mundial.

De resto, ela era a primeira a acreditar no seu fatalismo amoroso. «Quando conheci o conde de Dombski, na gare da fronteira polaca, onde a alfândega queria confiscar as minhas joias, senti que ninguém seria capaz de impedir que eu viesse a casar com êle!» As suas presunções sairam certas. O Conde de Dombski foi o seu primeiro marido.

Aliás, por pouco tempo! A vedeta, com efeito, acabou por fugir do lar conjugal, para responder ao chamamento da Ufa, que a solicitava para um filme. Como o marido lhe desse a escolher entre o cinema e o seu nome, Pola não hesitou! Preferiu os estúdios...

Charlie Chaplin foi o seu primeiro «flirt», que desafiou a curiosidade do mundo... Quando a vedeta partiu para a Califórnia, e se encontrou com o famoso mimo, o idílio continuou. Chaplin começara a construir uma casa — que os dois deveriam habitar. Mas surgiram divergências, antes da casa acabada. E Rudolfo Valentino não foi estranho ao súbito desinterêsse da vedeta pelo neurasténico Charlot...

Rudolfo que se casara, em 1922, com Jean Acker, divorciara-se na altura, em que a conheceu de Winifred Helnut, sua segunda mulher. Entre o «galã» e a «vamp» mais representativa do cinema americano, nasceu uma paixão, incendiária e avassaladora... «O espectro da tragédia pairou sempre sôbre a minha vida», disse a vedeta um dia. E, desta vez, êle surgiu sob a forma de doença que vitimou Valentino. A 23 de Agôsto de 1926, o ídolo das mulheres de todo o mundo, cujo prestígio, no mundo feminino, não mais foi igualado, morria em Nova York, enquanto a artista filmava em Hollywood. Na hora da morte murmurou estas palavras, que valem pela consagração dum grande amor: «Se Pola não chegar a tempo, digam-lhe que penso nela»...

Quando o avião a trouxe, de Hollywood à grande Metrópole americana — onde Valentino se acolhera, na esperança de encontrar remédio para o seu mal — 50.000 pessoas formavam bicha, a porta do hospital, para desfilar perante o cadáver do galã, que o mundo chorava.

Mais filmes, mais amores — até que novo amor surgiu, na pessoa do Principe Mdivanni. O mesmo fluido magnético que a ligara ao Conde Dombski, fez sentir os seus efeitos, quando os seus olhos se demoraram nos do homem que era então o marido de Maë Murray. O Príncipe passou de Maë para Pola Negri — da «Viuva Alegre» para a «Du Barry». Vieram para a Europa. Viveram felizes. Um acidente estúpido pôs fim à vida do famoso aristocrata, que desposara duas estrêlas célebres.

No passaporte de Pola Negri, há duas indicações a recordar o seu derradeiro romance sentimental: «Appollonie Mdivanni, viuva» — o nome oficial e o estado civil... daquela que o mundo conhece sob o pseudónimo célebre de Pola Negri.

Hino a Portugal!

Pola vai para a América. Nas actuais condições, a Europa não favorece uma artista que esteja disposta a reatar uma carreira interrompida. Vai daqui com propostas concretas, para interpretar um grande filme. Mas Pola Negri, que é supersticiosa, escudou-se nesta sua maneira de ser, para não nos revelar os seus projectos.

Está encantada por voltar para a América, onde viveu durante tantos anos e cimentou o seu prestígio, interpretando alguns dos filmes mais famosos que Hollywood nos deu.

— Trabalha-se muito na América!, disse-nos ela. O Cinema absorve-nos por completo, de ma-

(Conclui na pág. 18)

NOTÍCIAS DA EUROPA

França

Estão já a ser cumpridas as disposições do Comité de Organização da Indústria Cinematográfica Francesa

Com o intuito de reorganizar em bases completamente novas, algumas delas de aspecto revolucionário, o cinema francês no campo de produção da distribuïção e da exibição, de forma a fazê-lo sair do regime anárquico em que vivia até então, e dar-lhe em contrapartida uma orientação que aproveitasse à indústria do cinema e desse ao filme francês o nível artístico e o prestígio e dignidade indispensáveis, de forma a não envergonharem o país de origem, fez o govêrno francês de Vichy promulgar, em Dezembro último a tão falada Lei da Organização do Cinema Francês. Instituiu essa lei o Comité de Organização da Indústria Cinematográfica, de que faz parte um director responsável e uma comissão consultiva constituída por vinte e um membros, e o qual detém nas suas mãos todo o cinema francês, cuja actividade e por decreto, regulada em 13 artigos.

A sua acção começa-se já a sentir no que respeita a exibição — como se sabe não é permitido a um cinema organizar um programa que ultrapasse três mil e duzentos metros, não sendo também consentida a inclusão simultânea de dois filmes de fundo num mesmo programa — disciplinando-o. Da mesma forma é terminantemente proïbido o trabalho nos estúdios a quem não possua a carteira de Identidade Profissional, quer se trate de operários, de técnicos ou mesmo dos artistas, tendo sido recusada já a alguns artistas a assinatura de contratos, por não terem essa documentação em regra.



HARRY BAUR
o grande actor francês, volta ao cinema

Para a obtenção dessa carteira, fornecida pelo Comité de Organização, com sede em Nice, são necessários dois retratos, certificado de registo criminal, certificado de residência devidamente legalizado e certidão de idade. Só com essa documentação em ordem se pode hoje trabalhar no cinema francês, seja qual fôr o seu termo.

Marcel Pagnol, o conhecido produtor, proprietário dos estúdios de Marselha, é um dos membros mais em evidência daquele Comité.

* * *

● Roger Richeté vai realizar o filme MADAME SANS-GÊNE, de que são intérpretes Arlety (Chatherine Hubscher, aliás Madame Sans-Gêne), Ledoux (Marechal Lefebvre), Aimé Clariond (Fouché), Albert Dieudonné (Napoleão), personagem que criou já no famoso filme de Abel Gance e Maurice Escande (Neyp-perg).

● Harry Baur, o grande actor francês, volta agora ao cinema interpretando o primeiro papel do filme L'ASSASSINAT DU PÈRE NOËL que nos estúdios de Neuilly, situados nos arredores de Paris, Christian Jaque está dirigindo. Tomam parte também, Raymond Rouleau, Renée Faure e Robert Le Vigan.

● Será Jacqueline Laurent a protagonista do filme LA CHÈVRE AUX PIEDS D'OR que René Barberis dirigirá e em que aparece também Jean Murat.

Inglaterra

Nos estúdios de Londres, produzem-se numerosos filmes

Na última das nossas páginas da Europa falámos desenvolvidamente da actividade cinematográfica actual em Inglaterra, onde a produção de filmes se mantém num grau de elevado desenvolvimento, como era fácil de ver pelo que na secção respectiva a êsse respeito se dizia.

Hoje mais algumas notícias vamos dar aos nossos leitores sôbre a presente produção do cinema inglês.

● Bessie Love, que vimos em tantos filmes americanos, e que há cinco anos reside em Inglaterra, é uma das intérpretes, ao lado de Valerie Hobson, do filme que a Warner Bros. está realizando nos estúdios Teddington, ATLANTIC FERRY.

● Para a companhia Butcher-Signet está o realizador Oswald Mitchell dirigindo nos estúdios de Ealing o filme DANNY BOY que tem como protagonista um actor de palmo e meio, Grant Tyler, que parece ser uma autêntica revelação. No filme tomam parte também Ann Todd e Wilfrid Lawson.

● George Formby, uma das figuras mais populares da Inglaterra, que é para o cinema inglês o que Fernandel é para o cinema francês — os seus personagens nos filmes parecem-se como duas gotas de água — é o intérprete do filme SPARE A COPPER, que John Paddy Carstairs dirigiu. Ao lado daquele cómico aparecem Dorothy Hyson, George Merritt, Bernard Lee e Helen Pollock.

Outros se anunciam, mas os títulos ainda não foram escolhidos em definitivo e os elencos estão por formar.

Todavia, é curioso registar o facto do cinema britânico continuar em actividade, principalmente em plena capital.

Alemanha

«OPERETTE», o filme da Tobis de Berlim, é um novo triunfo para o seu realizador Willy Forst

Entre a lista de produção da Tobis de Berlim para êste ano um filme desde logo se destaca pela categoria excepcional do seu realizador, pelo luxo e a grandiosidade de ambiente em que decorre, pelo assunto empolgante do seu argumento e pela qualidade notável do seu elenco.

É o filme «Operette» de Willy Forst, o homem que essa inesquecível e maravilhosa «Mascarada» fez subir da quási mediocridade em que a sua carreira de actor decorria para um dos mais altos lugares do cinema europeu, melhor, do cinema mundial.

«Operette», baseado num argumento do próprio realizador e de Axel Eggebrecht, decorre em plena Viena, a cidade da música e do sonho, na sua época mais brilhante e mais movimentada por alturas do terceiro quartel do século passado, na época sem par em que a opereta vienense triunfava em tôda a linha, irradiando pela Europa inteira a música incomparável e aliciante dos Soupé e dos Strauss.

É êsse ambiente, tão característico e tão especial, que Willy Forst nos evoca no seu filme, pondo-nos em contacto com os grandes artistas de teatro dêsse tempo, com suas rivalidades e seus triunfos; os grandes nomes, enfim, que deram brilho e glória à época em que viveram, e que hoje constituem motivo de admiração e de veneração dos que viveram muitos anos depois dêles.

«Operette», além duma reconstituïção rigorosa e brilhantíssima, duma realização de qualidade, que mais vem ainda acreditar a personalidade do animador de «Mascarada» e de «Mazurka» apresenta ainda uma interpretação *hors-pair* dum numeroso grupo de artistas, pela propriedade e justeza do seu desempenho. Willy Forst, além de ter sôbre si a responsabilidade da encenação, encarregou-se também dum dos primeiros papéis, o do director de teatro Franz Jauner, apelidado de «Rei da Opereta». A seu lado, estão Leo Slezack e Edmund Schellhammer, nas flagrantes caracterizações de Franz von Soupé e Johann Strauss; Paul Horbiger no compositor Alexander Girardi; a formosíssima Maria Holst no papel duma cantora famosa, Marie Geistinger e Dora Komar, em Emmi Krall, sua rival no palco



WILLY FORST
triunfa no seu novo filme «Operette»

e no coração de Franz Jauner: Siegfried Breuer, Trude Marlen, Theodor Danegger e Gustav Waldan completam os nomes mais importantes da distribuïção da «Operette», o novo grande e merecidíssimo triunfo de Willy Forst.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

MAX NOSSECK dirige em Holywood o filme "Gambling Daughters", com SIEGFRIED ARNO

Max Nosseck, que foi o supervisor do filme de António Lopes Ribeiro, «Gado Bravo», encontra-se nos Estados Unidos, para onde partiu há cêrca de dois anos, depois de uma estadia de alguns meses no nosso País.

Nosseck, que depois de ter realizado em Nova York, logo após a sua chegada ao Continente americano o filme de ambiente hebráico «Ouverture to Glory» em que teve como assistente Luiz Nunes, o qual a crítica recebeu com certo entusiasmo, encontrava-se há já tempo na Califórnia tentando uma oportunidade que lhe permitisse trabalhar nos estúdios de Hollywood. Finalmente o grande momento chegou pois segundo notícias recentes, Max encontra-se já à frente de um «unit», realizando o seu segundo filme americano. Intitula-se «Gambling Daughters» e é produzido por uma emprêsa independente recem formada, a Producers Corporation. Ted H. Richmond é o director de produção, Max Stengler o fotógrafo, e entre os seus intérpretes encontram-se os nomes de Cecelia Parker, que tem sido a irmã de Andy Hardy nos filmes da famosa família, Roger Pryor, Gail Storm e Robert Baldwyn.

No entanto há na distribuïção do filme «Meninas Jogadoras», um nome que, mais que qualquer daqueles, tem para nós maior interêsse. Êsse nome é, nada mais nada menos, que o de Sigfried Arno, o famoso cómico alemão tão conhecido dos cinéfilos portugueses, cuja popularidade entre nós subiu de importância depois que interpretou a figura irresistível do empresário Jackson de «Gado Bravo» cujas aventuras e façanhas no Ribatejo ficaram memoráveis...

Siegfried Arno, que se encontra também há alguns anos nos Estados Unidos, tem tido a sua carreira naquele país prejudicada pela dificuldade em aprender a falar correntemente o inglês. Se não fôsse isso certamente já o teríamos visto com freqüência na tela, pois em Hollywood o seu enorme talento de comediante é justamente admirado e compreendido. Oxalá que o filme do seu amigo Max Nosseck consiga ser, desta vez, o ponto de partida da carreira americana do inesquecível parceiro de Anny Ondra.

Já agora devemos dizer que embora o nome de Arno tivesse aparecido na vasta distribuïção de «Nossa Senhora de Paris», onde teria interpretado a figura dum padeiro, ninguém logrou ver a sua silhueta inconfundível durante o decorrer do filme. Certamente, como tantas vezes sucede, as cenas em que aparecia não chegaram a sair da sala de montagem.

NIBENZAHL, o produtor de "Matou!" e de "Mayerling" vai produzir um filme cuja acção se desenrola na capital portuguesa

Seymom Nibenzahl e Gregor Rabinovitsch devem ter sido os mais importantes e argutos produtores do cinema europeu dos últimos dez ou doze anos. Rabinovitsch foi o animador da Cine-Alianz, a conhecida emprêsa produtora germânica, e depois, em Paris, anos mais tarde, o seu nome foi o responsável por algumas das mais importantes produções saídas dos estúdios franceses. Seymon Nibenzahl esteve por sua vez até 1932, à frente da Nero Filme, a companhia produtora de «Tragédia da Mina» e de «Westfront 1918» dois filmes de Pabst, e dêsse espantoso «Matou!» que ficou sendo, depois de «A Morte Cansada», a mais bela obra de Fritz Lang.

Depois desta época produziu em Paris «A Atlântida», «D. Quichote» e o famoso «Mayerling» que, por assim dizer, revelou o nome de Danièlle Darrieux e impôs nos Estados Unidos o cinema francês, pois foi depois do êxito espantoso que aquele filme ali alcançou que as boas produções francesas começaram a passar com regularidade nos Estados idos.

Nibenzahl, que depois dos acontecimentos da Europa assentou arraiais no país do Tio Sam, acaba de fundar uma emprêsa produtora, a Atlantic Prodution Inc., de que é presidente o banqueiro Martin Licht que já esteve ligado a assuntos de cinema, e cuja produção será distribuída pela Columbia.

O primeiro filme desta nova sociedade, tem, como acontece com «One Night in Lisbon» da Paramount e «Episode in Lisbon» da M. G. M., uma particularidade muito interessante para nós. É que a sua acção se passa inteiramente em Lisboa; o seu argumento foca a acção dum representante diplomático americano em cujas mãos estão os destinos de sete refugiados. A história do filme, que se intitula «American Consul», é da autoria de Henri Diamont Burger, que por essa época viveu alguns meses em Portugal.

O protagonista foi confiado a Pat O'Brien, um actor muito categorizado do cinema americano, embora pouco conhecido em Portugal.

JUDY GARLAND aparece na nova fita da série FAMILIA HARDY

Já pelo notável grupo de actores que neles aparecem, quer pelo cuidado com que são tratados os filmes da Família Hardy, são sem dúvida uma das melhores, se não a melhor de tôdas as «séries» que os estúdios de Hollywood habitualmente produzem. O número já longo de tais filmes foi acrescido recentemente de um novo «Família Hardy», que é considerado dos mais felizes entre os melhores. Intitula-se «Andy Hardy's Private Secretary». Além disso tem ainda o mérito de apresentar pela primeira vez uma nova artista, a simpática e encantadora Kathryn Grayson a quem segundo o concenso geral, deve estar reservada uma das mais belas carreiras cinematográficas. Miss Grayson, uma simpática morena de dezanove anos, senhora duma inconfundível personalidade faz naquele filme o papel de secretária particular de Andy Ardy, e escusado é dizer que é uma rival de Polly de grande respeito, que se vê e deseja para afastá-la de Andy...

A família Hardy está agora, mais uma vez, no galarim. O novo filme há pouco começado, tem por título «Life Begins for Andy Hardy» e, como o título deixa antever, a figura de Andy Hardy vai sofrer ligeira alteração, pois êste filme vai marcar a entrada de Andy numa nova vida, vai-se vê-lo tomar a existência mais a sério e esquecer garotices que caracterizaram até agora a famosa figura.

Dirigido uma vez mais por George B. Seitz, voltam a aparecer ao lado de Mickey Rooney, Lewis Stone, Fay Holden, Ann Rutherford e Sara Halen.

Também, depois de «Andy Hardy apaixona-se» e de «Andy Hardy mete-se a Debutante» que a Metro Goldwyn Mayer apresentará no princípio da próxima época com o título de «Prosápias de Andy Hardy», aparecerá no «cast» de «A vida começa para Andy Hardy», o nome de Judy Garland.

Les White é o responsável pela fotografia do filme.

FITAS NA FORJA

● *HEAVEN CAN WAIT*, com *Robert Montgomery, Rita Johnson, Claude Rains e James Gleason. Realização de Alexander Hall. Columbia. (Aliança Filmes).*

● *THE PARSON ON PANAMINT, com Charlie Ruggles, Ellen Drew, Philip Terry, Joseph Schildkrant, Porter Hall, Janet Bucher, Douglas Fowley, Paul Hurst, Clen Bevans, Frank Pugha e Henry Kolker. Dirigida por William Mc Gann. Fotografia de Russel Harlan. Paramount.*

● *LADY SCARFACE, com Dennis O' Keefe, Judith Anderson, Frances Neal, Stanley Fields, Rand Brooks, Mildred Coles, Eric Blore, Lee Bonnell, Marion Martin, Horace Mac Mahon. Realizada por Frank Woodruff. Fotografia de Nick Musaraca. RKO-Rádio Filmes.*

BUD ABBOTT e LOU COSTELLO, dois novos cómicos do cinema

O cinema americano conta hoje mais uma «parelha» de cómicos — Bud Abbott e Lou Costelo que ontem ainda, por assim dizer, ignorados do público americano dos cinemas, são hoje os mais populares comediantes dos Estados Unidos.

Actores de music-hall, contratados durante largo período pelos irmãos Schubert como figuras primordiais dos seus famosos espectáculos — o seu último grande êxito no palco foi a revista «The Streets of Paris», onde Carmen Miranda alcançou o êxito fenomenal que se conhece —, grandes figuras da Rádio, devem à Universal a sua entrada no cinema e a grande popularidade que hoje usufruem. Tendo-se estreado no filme «Moonlight in the Tropicos», é no entanto com o seu segundo filme «Buck Privates» que conquistaram, dum dia para o outro, uma das mais extraordinárias e fulgurantes popularidades.

Agora que «Buck Privates» está fazendo receitas absolutamente excepcionais, vão os dois cómicos interpretar um novo filme. Ao passo que a acção daquele se passa no exército, a sua nova comédia decorre inteiramente na marinha, como o seu título claramente indica: «Abbott & Costelo And Dick Powell in the Navy». Como se vê, Dick Powell tem também no argumento um papel de primeiro plano, ao lado de Claire Dodd, de Dick Foram Shemp Howard, Gary Breckner, Sunnie O'Dea, dos Condor Brothers e das famosas irmãs Andrews que o disco e a Rádio popularizaram em todo o mundo. Dirige êste filme da Universal o encenador Arthur Lubin e a fotografia é de Joseph Valentine, habitual operador dos filmes de Deanna Durbin.

Abbott e Costelo trabalham juntos há cêrca de dez anos.

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

A «Jubile Productions» vai distribuir, com o título de «Screen Parade», uma série de 24 fitas de pequena metragem, com a história da indústria cinematográfica americana. A série compõe-se dos três grupos seguintes: «as primeiras comédias cinematográficas», «as fitas em séries e de episódios» e «o drama na tela». A principal atracção do primeiro grupo é a comédia «Music Hall» (uma das primeiras realizadas em Hollywood) interpretada por Charles Chaplin, Roscoe «Fatty», Arbukle, Ford Sterling Chester Conklin. Talvez nós, portugueses, também estivéssemos à altura de fazer outro tanto, se é que ainda «vivem» os originais. Se algum dia se pensar nisso, proponho o nome de Ignácio da Purificação para a selecção das fitas...

Dave Fleischer, um dos ases dos desenhos animados, conseguiu um empréstico de 1 milhão de «dollars» (pouco mais ou menos 25 mil contos) para produzir a história de «Mr. Bug Goes to Town», cujo argumento, segundo declara o artista, foca «um tema de humana realidade, em nada semelhante aos das restantes fitas de desenhos animados». Expõe as aventuras ora tristes, ora graciosas — de minúsculos sêres, a que os homens chamam insectos e que residem a metro e meio da Broadway, rodeados de imponentes construções em cimento e em ferro e perseguidos pelo mais terrível dos inimigos: Homem.

Fleischer pretende, assim, demonstrou que as fitas de desenhos animados podem destronar as outras, já porque os desenhos animados coloridos consem imagens mais belas e expressivas, já porque os argumentos, ainda os menos fantásticos, encontram nesse género de cinema recursos ilimitados.

Um técnico americano escreve: — «Não devemos esquecer que uma fita é uma história mais vivida que *contada*». Alguém contestou nestes termos: «uma fita é uma história mais *falada* que *vivida*». Entre nós, poderiamos, dizer: «Uma fita é uma história muito mais *falada* que *contada*». É, até, um caso muito falado-...

Um grande número de salas americanas lançou a moda de oferecer brindes aos espectadores. Coincidência ou não, quási todos os objectos distribuídos são de grande utilidade e consistem, em 90 % dos casos, em pratos, copos e outros artigos de loiça. O jornal Yankee, que dá a notícia, acrescenta: «além de oferecerem tudo isto, ainda exibem fitas...»

Se a moda pega em Portugal, muita saída vai ter (por ser mais barata, decerto!) a loiça das Caldas...

REFLEXÕES

Por A. CARVALHO NUNES

Já no tempo em que o «Olímpia» se escrevia com y e dava «matinées blanches», que eram o acontecimento mais grato ao lisboeta elegante o Cinema me dizia «qualquer coisa».

A elegância passou de mão e o velho salão da Rua dos Condes tornou-se popular; só a pecha cinéfila ficou inalterável: foi ela a culpada de eu não ter podido resistir ao apêlo aliciante do título do último filme de aventuras — *Piratas da Pradaria*.

Lembrei-me do Texas Jack e do seu cavalo Jumper, das cavalgadas heróicas, do ataque dos índios à diligência, e não resisti. Mais não fôsse para reviver — que é a maior partida que se pode pregar ao tempo.

* * *

Mas depressa me arrependi. A decadência dos vaqueiros é confrangedora; dos Tom Mixs resta apenas a recordação.

Os tais piratas da pradaria não passavam de pobres diabos, sem sangue na guelra e com pontaria fraca. E o herói, Charles Starrett, em vez de alardear proezas de equitação e esmurrar com desembaraço as ventas dos parceiros, saiu-se a cantar, com uma voz meiga, adocicada, à Tino Rossi!

Desapontamento completo, àparte o público, popular, mas cheio de personalidade, reagindo a cada passo, interessado, prêso — cinéfilo.

Só se mostrou incompreendido com os amores mórbidos da Mireille Balbin e do Jean Gabin, no filme de complemento «Passou uma Mulher». Tanto Melhor.

* * *

Passados muitos anos, encontro ainda nítida a imagem de Lilian Harvey no «Congresso que Dança». Depois dela grandes bailarinas têm surgido na tela, vivendo a sua hora passageira.

A Lilian Harvey ficou sempre na memória, como tudo o que é tocado pelo «eternamente belo». Têm um sôpro de irreal, de sonho, os seus gestos plenos de graça, a sua leveza de espuma e das rendas.

Foi certamente a respeito dela que se disse que mesmo quando anda, parece que vai dançando... *Eu Sou Susana*... mas a gente não acredita. Ela será sempre a Lilian do *Congresso que Dança* — a réplica do Cinema ao momento musical de Shubert.

* * *

Corre o risco de ser precipitada a opinião da crítica quando diz que a interpretação dêste ou daquele actor foi boa ou má. Principalmente quando não se conhece bem aquilo que se interpretou.

Que culpa cabe ao actor de ter interpretado bem um mau papel?!

Só agora tivemos o regalo espiritual de ler a «Rebecca». Diga-se, de passagem, que o filme não traíu a obra.

Mas após esta leitura, a minha admiração por Laurence Olivier cresce de tômo. Porque então é altura de poder referir a qualidade da sua interpretação e de concluir que Laurence Olivier e Max de Winter — são uma e a mesma pessoa.

* * *

O Cinema — fábrica de ilusões tem causado a morte de muita ilusão.

Com êle acabaram-se as sensações do imprevisto. Não há região alguma do mundo que os nossos olhos não tenham devassado.

Para que ir a Veneza ou a Nova Iorque? O melhor perdeu-se: já lá estivemos...

Quando alguém diz que gostaria de visitar o Brasil, acrescenta logo: principalmente pelo Carnaval!

Pois é êsse Carnaval que o Cinema nos vai dar, e a côres, no filme que se chama «Carnaval no Rio».

Lá se vai por água abaixo tudo o que laboriosamente, durante tanto tempo, a nossa imaginação andou arquitectando a tal respeito...

* * *

Embora seja amigo dos animais, isto é, dos meus súbditos, não foi «O Gato e o Canário» que me atraiu, mas sim a esperançosa Paulette Godard, que tem sôbre mim o efeito balsâmico daquelas manhãs de Maio que havia dantes.

Não esperava, porém, encontrar um filme de terror, dos que arripiam os nervos dos espectadores mais sensíveis.

Já se vê a Paulette, que não é de meter mêdo a ninguém, teve no filme uma interpretação de segunda ordem.

Esperemos que não a deixem morrer moira — ela que tem tão bom padrinho...

* * *

Sôbre o Cinema Nacional:

Persistir é muito mais que durar, é teimar com inteligência. A epopeia das Descobertas foi uma obra de presistência.

Continuïdade não quere dizer rotativismo; significa apenas que o ferro, mesmo quando está quente, não dobra logo à primeira pancada.

Qual a percentagem de probabilidades de «vingar» que oferece um filme que seja apenas 70 % português? Precisamente setenta por cento.

O argumento deve ser criado tendo em vista os meios de que se dispõe para o seu desenvolvimento. O peixe sem barbatanas seria mais aerodinâmico, mas nem por isso as dispensa.

* * *

O cinéfilo consulta o termómetro com o mesmo cuidado do médico...

O mês de Junho caiu como um castigo sôbre os imprudentes que invocavam o calor.

Mas os grandes desvios de temperatura são como as altas e baixas excessivas das cotações da Bôlsa, não se mantêm.

Além de tudo, antes cinema com leque do que leque sem cinema.

E dado que os prazeres em Lisboa se resumem na admiração da natureza, o leque ainda é um engraçado passatempo, além da sua útil e consagrada função de esconder bocejos.

* * *

«E tudo o vento levou» criou uma espectativa que acabará por se cansar.

A América guarda ciosamente o seu tesouro à espera de melhores dias na Europa: — «Os meninos não têm juízo? Então não lhes dou êste brinquedo»...

Entretanto, o filme vai criando foros de oitava maravilha, o que é talvez excessivo para as suas fôrças.

Como na América o vento sopra rijo, «E tudo o vento levou» arrisca-se a ser recebido com esta interrogação: — «Qual dêles?»...

Alguma coisa, contudo, ficará: há raízes tão fundas que resistem a todos os ciclones.

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.° — LISBOA

A FEIRA DAS FITAS

«Cautela com as mulheres»

(French without tears)

A peça de Terence Rattigan donde foi extraído êste filme da produção inglesa da Paramount, obteve o maior êxito em Londres e Paris, sob os títulos, respectivamente, de *«French without tears»* e *«L'Écurie Watson»*. Não conheço a peça nem a tradução francesa, mas é fácil avaliar as suas qualidades de frescura, de graça ligeira e espontânea, e a verdade sorridente e humana do seu conteúdo, por intermédio do arranjo cinematográfico de A. de Grunwald e San Dalrymple.

O filme foi dirigido por Anthony Asquith, um dos melhores valores do cinema inglês. Esta sua realização abona largamente a sua competência, o seu sentido cinematográfico, o seu bom gôsto, a sua sensibilidade e inteligência! Asquith obteve algumas lindas imagens, compostas com boa inspiração. Para exemplo basta citar as seqüências do piquenique e da festa nocturna. O estilo adoptado por Asquith é que me parece discutível. Mas talvez o escolhesse para melhor defender o filme comercialmente.

Os intérpretes são excelentes desde Ellen Drew, que vemos aqui no seu papel mais difícil, a Jim Gérald e Janine Darcey, «importados» de França para melhor garantia de côr local. Ray Milland tem uma excelente criação, e satisfazem inteiramente David Tree (Chris), Roland Culver (o oficial de marinha) e Guy Middleton (Brian).

É de justiça assinalar o magnífico comentário musical do filme. — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«DANÇA, RAPARIGA, DANÇA» (RKO)

- O grande bailado, criação de ERNEST MATRAY.
- Os admiráveis bailarinos que o interpretam.
- A personalidade e a interpretação da grande LUCILLE BALL.

«LAR BENDITO» (Lisboa Filme)

- O alto nível da encenação de CARL FRÖLICH, para o qual muito contribuiu a qualidade excepcional das decorações, da fotografia e do acompanhamento musical.
- As interpretações de ZARAH LEANDER, HEINRICH GEORGE e PAUL HÖRBIGER.
- As seqüências do regresso de Magda a casa do pai e da execução na catedral da «Paixão Segundo S. Mateus», de Bach.

«O SEGRÊDO DO DR. KILDARE» (M. G. M.)

- As qualidades de integração dentro da série da história de WILLIS GOLDBECK e HARRY RUSKIN.
- A interpretação de LIONEL BARRYMORE (Dr. Gillespie).
- A interpretação de LEW AYRES (Dr. Kildare).
- As interpretações de LARAINE DAY (Mary Lamont), NAT PENDLETON (Waiman) e ALMA KRUGER (Molly).

«RAPARIGAS A MAIS» (RKO)

- LUCILLE BALL a representar e a cantar.
- ANN MILLER a dançar.
- Miss LANGFORD a cantar.

«Meninas da Alta-Roda»

(These glamour girls)

Êste filme foi o primeiro em que Lana Turner apareceu como protagonista — imediatamente anterior, portanto, a «Curvas Perigosas», que vimos há duas semanas. Mas, pelo facto de ser anterior, não quere dizer que seja pior — pelo contrário. «Meninas da Alta-Roda» pareceu-me de facto melhor que *«Two girls on Broadway»*, quer no tocante ao argumento quer à realização, e tem pelo menos a mesma classe o seu conjunto interpretativo.

A história tem bastante interêsse e é bem contada. Mostra-nos, em cenas freqüentemente compostas com acêrto e inspiradas com excelente humorismo, alguns aspectos da vida das *taxi-girls* e dos hábitos e costumes das universidades de bom-tom. Como tal, oferece certo interêsse documentário sôbre a vida americana. Além disso a novela tem uma intenção de crítica ao snobismo e frivolidade da alta-roda — o que não lhe faz mal nenhum. O recorte das figuras pode acusar-se de convencional e artificioso, em certa medida. Mas em compensação abundam pormenores justos de boa observação psicológica e de saüdável sentido educativo.

A realização, concebida e executada com recursos relativamente reduzidos e simples, é no entanto «limpa», exacta e segura. S. Sylvan Simon tem talvez neste filme algumas das suas melhores coisas, como director; servem de exemplo a engraçada cena no salão de dança e a do jantar na universidade. Soube além disso dirigir os seus intérpretes, tirando óptimo rendimento do seu *cast* de gente nova — talentosa, aliás. Destacam-se a gentilíssima Lana Turner, o magnífico actor que é Lew Ayres e Marsha Hunt (Betty), que ainda há pouco pudemos ver num papel totalmente diferente: o da filha prendada, desgraciosa e míope dos esposos Bennett, no «Orgulho e Preconceito». Jane Bryan (Carol), Anita Louise (Daphne), Ann Rutherford (Mary Rose) e Mary Beth Hughes (Ann) desempenham-se excelentemente dos seus papéis. Dos homens há que apontar ainda Richard Carlson (Joe), Tom Brown (Hower) e Summer Getchell (Blimpy). — D. M.

«Quem tôrto nasce»

(You can't cheat honest man)

W. C. Fields é um cómico que o nosso público nunca compreendeu bem, apesar de ser um dos mais populares e apreciados artistas norte-americanos. As suas películas têm sempre só um fito: fazer rir. É o que sucede com esta, cuja acção se desenrola no ambiente de um circo ambulante. O dono do circo, casca-grossa que não tem emenda, estraga com o seu feitio um belo casamento ao filho, educado à custa de grandes sacrifícios. Mas no final tudo se resolve para alegria e boa disposição do público.

A realização é agradável e valorizada por alguns interessantes números de circo.

Na interpretação contam-se, além de W. C. Fields, Constance Moore, John Arledge e Edgar Beergen. — A. F.

«Raparigas a mais»

(Too many girls)

«Raparigas a mais» é uma fita musical como tantas outras que temos visto: uma intriga débil a servir de pretexto para apresentar algumas atracções musicais de bom quilate, com uma técnica perfeita, uma encenação razoável sem maravilhas.

Sempre que estamos em presença desta fita — e uma vez verificada a suficiência da qualidade cinematográfica — a nossa crítica passa a ser de «music-hall» e não de Cinema e, como tal, entra a sentir-se mal, não porque nos desagrade o género ou não nos sugira observações, mas porque cada coisa tem o seu lugar.

Em «Raparigas a mais» há formosíssimas canções, alguns bailados de curiosos, ritmo e alegria. A lógica com que se canta aqui, e além se dança não é sempre das mais perfeitas. Não se devem, aliás, os produtores ter preocupado com isso. Pretendeu-se que Anna Miller dançasse e ela dançou maravilhosamente. (Se Fred Astaire estivesse na R. K. O. mais dia menos dia tinhamos uma fita com os dois); quis-se que Langford cantasse e cantou como só ela sabe; Lucille Ball cantou também com uma voz e uma categoria que foi para nós uma surprêsa... das muito agradáveis, talvez para compensar a decepção de não a ver dançar.

Desi Arnetz mostrou qualidades para maiores trabalhos. Os bailados de conjuntos são bons e, as ideias que moveram os conjuntos são tôlas — F. G.

«O segrêdo do Dr. Kildare»

(The Secret of Dr. Kildare)

O inconveniente das séries é o de nos apresentarem a partir do segundo ou terceiro trabalho aspectos já por demais conhecidos, soluções que se adivinham pelos acontecimentos paralelos conhecidos das fitas anteriores.

No entanto, umas séries, pelos assuntos que tratam ou pelas figuras em que se alicerçaram, resistem mais do que outras à acção do tempo e do conhecimento do público.

Esta do dr. Kildare é das séries felizes que continuam a merecer o favor do público e conseguiram já para os seus intérpretes uma familiaridade que, como tôdas as familiaridades, enquanto não fôr excessiva é conveniente. A figura do dr. Gillespie, a dr. Kildare, de Mary Lamour, do chauffeur Kaiman e da chefe Molly humanizam-se profundamente pela prolongada convivência que o público vai tendo com elas e pelas interpretações que Lionel Barrymore, Lew Ayres, Laraine Day, Nat Pendleton e Alma Kruger lhe deram valorizando-as. O trabalho de todos é mais uma vez perfeito, o de Barrymore, até, melhor, mais sóbrio

(Continua na página 18)

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessàriamente uma atitude crítica determinada.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

869 — TONY *(Pôrto)*. — Muito graciosas as palavras que dedicas a cada um dos filmes que viste. Gostaria, apenas, que tivesses falado com mais calor de *A Cidade Turbulenta*, que considero no número dos melhores filmes da presente temporada. — A campanha do *Animatógrafo* contra os programas «em branco», prosseguirá no início da próxima temporada. É preciso, de facto, que os programas dos nossos cinemas tragam algumas indicações mais do que as simples menções dos filmes que vamos ver. O espectáculo cinematográfico difere um poucochinho das toiradas... Se nos interessa saber apenas nestas que os toiros do sr. Assunção Coimbra, são lidados pelo Núncio e pelo espada X, não nos basta a indicação de que o programa cinematográfico que vamos ver é da Metro, e que os principais intérpretes são o Gable e a Hedy Lamarr... E daí talvez eu esteja a laborar num êrro! Porque os nossos críticos tauromáquicos mais reputados não desdenham, por vezes, escrever sôbre cinema...

870 — ARSÉNE LUPIN *(Lisboa)*. — Lamento a gripe que, contra-vontade, te reteve tantos dias em casa. Às vezes Deus escreve direito por linhas tortas. Imagina que, num dêsses dias, o Diabo tinha arquitectado um dos seus maquiavélicos planos e decidira que havias de ficar atropelado... A gripe frustrou os seus desígnios. Não te queixes pois. E lembra-te que mais vale uma gripe de que uma febre tifóide. Se te integrares dentro desta moral filosófica, serás um homem feliz. — Transmito as tuas saüdações a *Donalda*, *Uma loira madeirense*, *Boneca Volúvel*, *Duas Alentejanas Intimas*, *Moreninha insinuante*, *Antinea*, *Pinocchio*, *Raffles*, *Deram-lhe uma Espingarda* e *Pinocchia*, com a última das quais desejas corresponder-te.

871 — PINOCCHIA *(Lisboa)*. Registo a tua confusão entre *Zé Fernandes* e *Rapaz sem pseudónimo*. Fica desfeito o equívoco. — *O Amor de Perdição* dá incontestàvelmente um grande filme, se puder ser feito com a grandeza hollywoodesca. — *Anna Paula?!* Talvez. Mas o que diriam os Académicos? — Considero *Dinhamá* uma rapariga interessante, sob o ponto de vista epistolar, único aspecto por que se me revelou. A sua simpatia pelo Tyrone Power não era segrêdo para mim. — Quando êste artista e a Annabella estiveram em Portugal, tive ensejo de o conhecer, Annabella ,que se considera cidadã honorária de Lisboa, e que detém o «récord» das travessias consecutivas no *Clipper*, é uma rapariga muito simpática. O Tyrone Power é duma simplicidade desnorteante. A celebridade e o prestígio D. Juanesco não transparecem em aspecto algum da sua personalidade. Aqui ficam os cumprimentos, para *Garota de Lisboa* .

872 — OUBLI *(Penafiel)*. — Os principais papéis de *Mazurka Trágica* foram interpretados por Paula Wessely e por Karl Ludwig Diehl, actor alemão que morreu em campanha, nos primeiros dias da Guerra actual. — A razão por que se disse bem de *Cavalgada Heróica* é fácil de saber: Trata-se duma obra-prima do cinema, uma obra-prima, incontestável, de John Ford. — A Janet Gaynor está casada com o Adrian, o figurinista n.º 1 de Hollywood. No cinema, vai aparecendo de longe em longe... — Éste leitor, que é madeirense, gostaria de corresponder-se com leitoras suas conterrâneas, e, nomeadamente, com *Uma loira madeirense* e *Uma Boneca Volúvel*.

873 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — Muito graciosa a ilustração do estribilho popular... Mas sabe?! Não foi uma «pose», mas um instantâneo indiscreto... Um simples esclarecimento: não tenciono disputar a taça... — Achas então a minha situação invejável?! Não te digo que não: gosto de trocar impressões com êste mundo invisível que me rodeia. E quanto mais as minhas leitoras se arrufam pela demora das respostas, mais simpatia e ternura nutro por tôdas estas cartas que vêm parar às minhas mãos. — «Resolvi que não chovesse para mais banda nehuma...» Nunca vi pessoa mais mentirosa. Consta-me que no P. R. vai um autêntico dilúvio... — A tua opinião sôbre sôbre os filmes italianos é engraçada. Eu por mim gosto muito dêles na Ópera. No cinema, não me convencem. Mas reconheço que a Portugal não têm vindo os seus melhores filmes. — Obrigado pela homenagem de que fui alvo, fora de portas, em certo cinema que exibia filmes portugueses. Também acredito nos fenómenos telepáticos... Sentia, nesse dia, sob a forma dum rubor na orelha direita...

874 — SOLTEIRO... E BOM RAPAZ *(Ponta Delgada, Açôres)*. — O teu pseudónimo é um cartaz tentador para uma rapariga casadoira. Se lhe acrescentares «rico» ou «proprietário», não te dou um mês seguro, para que veja desmentido o estado. — Quem sabe ,amigo, se qualquer dia aí nos encontramos, na terra que tu cantas com tamanho e tão legítimo orgulho! Apreciei muito a tua carta. Escreve mais vezes. Combinado?

875 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — O retrato que de mim fazes não foge muito à verdade. Felicito-te porque te revelas excelente psicóloga. — A Shirley Temple completou, no dia 23 de Abril, doze anos de idade. — *Olhos Negros*, com o Harry Baur e a sonsinha da Simone Simon, já teve a sua época. Não percebo porque motivo é que só agora foi à Madeira, pois Lisboa já o viu há um bom par de anos. Estou certo de que gostaste de *Mr. Chips*. Que belo, que maravilhoso filme! — *O novo amor de Andy Hardy* (Andy Hardy gets Spring Fever) é um dos melhores filmes da série famosa. — Transmito os teus cumprimentos a *Moreninha Insinuante*, *Eva do Século XX*, *Exilado* (e não «Isolado») *do Mondego*, *Eterno Garoto* e *Rey... sem trono*.

876 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)*. — Transmiti a tua carta, oportunamente. — Ignoro o que é feito dos filmes de Ruth Colman (?) e desconheço a personalidade desta vedeta, que tanto te preocupa... — Também não consegui saber se Reggie Roth, vedeta da Broadway, triunfou em Hollywood. Mas estou ansioso pela resposta a tão angustiosa incerteza, sabido que de tal facto depende o futuro da indústria e da Arte Cinematográfica. — Warren Willian é actor, o que não o impedirá de ter um negócio de capilés ou de vender mobílias, pelo sistemas das senhas progressivas, se assim quiser.

877 — AMOR DE ESTUDANTE *(Penafiel)*. — A propósito da cidade onde te encontras, deixa-me dizer-te que também considero a minha Parker uma *pena fiel*... — No dia que por cá passar a Dorothy não só lhe oferecerei um ramo de cravos, como um jardim inteiro. E talvez lhe ofereça a minha mão, para evitar que ela tenha o trabalho de a pedir aos meus progenitores... — Tens razão! De facto, o realizador das *Aventuras de Marco Polo* foi Archie Mayo e não John Cromwell, como se disse.

878 — CALOIRO CINÉFILO — Vivien Leigh é certamente das mais lindas artistas que têm vindo a Portugal. A que nos deu, no entanto, maior impressão de beleza foi Madeleine Carrol. O primeiro prémio de simpatia e de «camaradagem», digamos assim, vai para Lilian Harvey. Seria injustiça não me referir à insinuante despretenção de Annabella, ao «charme» de Ann Dvorak, ao «piquant» interêsse de Simone Simon e, à terna e meiga figurinha de Martha Eggerth, ao encanto de Michèlle Morgan, e à graça de Marie Glory. Não sei se neste rosário me esqueci de alguma das estrêlas que têm passado por cá. De contrário, como se costuma dizer nas críticas, as outras não desmerecem do brilho do conjunto... — Noto a tua simpatia pela Ann Rutherford, que compartilho cem por cento. Conheço dezenas de Ann Rutherford por esta Lisboa fora, tão vulgarmente bonitas como ela, e tão amimadas, tão gentis, tão encantadoras e superficialmente femininas como a noiva *atittrée* de Andy Hardy.

879 — ANTINEA *(Lisboa)*. — A questão dos dois pseudónimos está suficientemente debatida. Como me prezo de ser justo, dei a primazia a ti. Qualquer outro, no meu lugar faria o mesmo. Eu espero que *Antinea II* acate esta sentença, que não significa menos simpatia ou menos consideração por ela. — Acho muito bem que admires a Garbo. Provas, dêste modo, a tua cinèfilia. É uma artista excelsa, que ficará, sem dúvida, como a maior de quantas o cinema, até hoje, nos revelou. — Felicito-te pela honra que te conferiram, com a eleição para os corpos directivos do G. F. P. Espero que o teu amor ao desporto não mate o teu amor ao cinema.

880 — UM MALUCO CINÉFILO — O filme *O Grande Mandamento* não será estreado nesta temporada. — Tôdas as companhias são boas e é difícil dizer-te qual a melhor. Há mais e menos importantes (se atendermos a instalações e capitais investidos) mas, às vezes, não são essas que nos dão os melhores filmes. Nota, ainda, que há produtores independentes que nos dão uma produção excepcional, e cujos filmes aparecem depois distribuídos por firmas, que não puseram prego ou estôpa, para que saíssem bons. — *Robin dos Bosques* ficará, como um dos melhores êxitos da presente temporada.

887 — MELITA SARREIA CABRAL *(Lisboa)*. — Mil perdões, mas não sou culpado da «gralha» que alterou o seu «Middle name». — Tem razão no que diz, quanto à hora tardia a que acabam os espectáculos, nos cinemas de «repetição» (bravo, por se ter insurgido contra a «reprise»; muito embora prefira *reexibições* a *repetições*, não me pareça mal êste último vocábulo). Mas como ia dizendo, a razão é a seguinte: os cinemas de reexibições não só levam dois filmes, alguns dos quais têm por vezes 2 horas de exibição, como ainda incluem, nos programas, complementos variados. Daí totalizar cada sessão quatro horas e às vezes, como já sucedeu, quatro horas e meia, o que é uma brutalidade! — Pelo que me diz, tem visto bons filmes. Felicito-a, pois. E até à próxima. Não estranhe a demora das respostas. Se V. soubesse as cartas que tenho sôbre a minha mesa!

882 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — Respondo a uma carta que fecha com enigmas figurados, que aliás decifrei fàcilmente. Lembras-te? — A tua carta vem lamentàvelmente falha de assuntos cinematográficos, que é contra as normas que presidem a esta secção. No entanto, como és boa rapariga, aqui fica esta respostazita, apenas para te saudar e para te dizer que contestarei, com o maior prazer, as cartas que me escreveres.

883 — 13 *(Lisboa)*. — Que pseudónimo tão sintético! — Em Lisboa e no Pôrto não há escolas de caracterização. — Pede as fotografias, que te interessam, de Fred Mac Murray e de Dorothy Lamour, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

884 — LEVADO DA BRECA *(Lisboa)*. — «Os teus olhos» foram uma ideia tocante... — À tua primeira pregunta, respondo: não. — Há vários documentários sôbre os perigos do automobilismo, quando, os volantes, seguem

POLA NEGRI

(Continuação da pág. 11)

nhã à noite! Mas é tão agradável e tão saudável, o horário das estrêlas em Hollywood, que anseio verdadeiramente por lá chegar.

«Depois a América proporciona-nos a prática dos desportos — a minha segunda paixão. As casas perdidas nos meios dos parques e jardins, com os seus campos de jogos, as piscinas tentadoras, e o clima que nos convida permanentemente ao contacto com o ar livre — tudo concorre para nos facilitar os prazeres da cultura física. Na Europa, mantemos a «linha» — à custa de dietas. Na América — o desporto é o grande auxiliar do equilíbrio estático.

Pola Negri inquire quais os filmes que, em Lisboa, se encontram em exibição. Há mais dum ano que não vai ao cinema. Interroga-nos sôbre *Ninotchka.* Admira Garbo, como grande artista que é:

— Lembro-me de a ter visto chegar à América, pelo braço de Stiller. Era uma rapariga muito estranha, assustadiça e esquiva. Acreditei nela, desde a primeira hora. Hoje admiro nela não só o seu talento, mas o seu tacto, a maneira prodigiosa como tem sabido manter a sua posição excepcional, escudando-se hàbilmente na sua concha, de bicho estranho e solitário.

Pola Negri fala-nos, agora, das suas preferências:

— Gostaria de desempenhar novamente papéis dramáticos, à maneira dos que Garbo tem interpretado, mormente em filmes históricos. Ressuscitar uma figura, adivinhar os seus gestos os seus «tics», devassar a sua alma — nada há mais apaixonante para um actriz.

Pola Negri interessa-se vivamente, por conhecer pormenores sôbre o nosso Teatro e o nosso Cinema. O entrevistado agora é o próprio jornalista. A vedeta interroga-nos sôbre as preferências do nosso público, em matéria de espectáculos.

— Quando vou, pela primeira vez, a um país, procuro surpreender a alma do povo. Colho indicações que são preciosas para uma actriz, que vive do público e para o público. Portugal interessa-me vivamente. Conheço a sua projecção no mundo, o seu tributo precioso para a História da Humanidade e para a Civilização. Habituei-me a estimá-lo. Mal sabia eu que êste país, de onde recebia tantas cartas de admiradores, havia de ser a tôrre de Paz duma Europa em Guerra, onde tantos meus compatriotas encontraram carinho e agasalho.

E a finalizar, Pola Negri insiste:

— Peço-lhe, ardente e insistentemente, que diga no seu jornal que estou muito contente por ter realizado o sonho que acalentava há muitos anos: conhecer Portugal, País de Santos, de Heróis e de Navegadores.

FERNANDO FRAGOSO

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da página 15)

e completo do que em qualquer outra produção da série. Já o argumento não é tão feliz quando repete situações e se serve dos mesmos conflitos para alimentar a acção (sem me querer referir, evidentemente, aos «tiques que caracterizam os tipos e forçosamente deviam ser repetidos).

Uma técnica perfeita, no entanto, integrou perfeitamente êste caso do Dr. Kildare nos outros casos já vistos mercê de hábeis referências às histórias passadas, nas suas cenas mais reparadas. — F. G.

«Dança, rapariga, dança»

(Dance, Girl, Dance...)

Uma fita musical é um espectáculo de alegria e como tal tem de possuir condições de brilho, de clareza e de dinamismo que para o seu efeito devem considerar-se essenciais. «Dança, Rapariga, Dança...» era uma fita musical em que, portanto, estas condições deviam ser observadas e não foram. Erich Pommer, o produtor, escolheu mal o argumento de Viki Baum, cheio de complicações e de momentos sentimentais inertes e inúteis, Dorothy Arzner a encenadora deu à fita um ambiente pesado — quási turvo por vezes — que nos contrariou e contrariou o efeito e a embalagem dalgumas cenas em que o trabalho e a alegria de Lucille Ball quási tinham levado tudo à proporção conveniente.

No conjunto dos intérpretes apraz-nos destacar Ralph Bellamy, a beleza de Maureen O'Hara que todavia está deslocada dentro dêste filme o que pode talvez prejudicar o juizo que se faça das suas qualidades e a grande, portentosa, insinuante, alegre e comunicativa Lucille Ball.

Há, no entanto, uma coisa que vale realmente bastante a pena nesta fita e que recomendamos a todos os amadores de bons bailados: a dança apresentada durante o ensaio no palco de Steve Adams. Criação de Ernest Matray e dum grupo de anónimos e admiráveis bailarinos é ela que merece a honra do espectáculo.

E vamos a outro assunto, que nos penaliza bastante abordar mas que, dada a linha de conduta que estabelecemos não podemos passar sem referir. Correu a cópia de «Dança, Rapariga, Dança...» com péssima projecção como costume. Mas além disso, o espectáculo foi ainda prejudicado pelo estado miserável da cópia exibida e disto cabem as responsabilidades:

1.°) ao «laboratório» que tem c descaramento de apresentar «trabalho» tão sujo, tão riscado, tão estragado — verdadeiramente indecente;

2.°) ao desleixo da casa distribuidora que manda para um cliente para exibir uma cópia em tal estado — e já não é a primeira vez que o caso acontece;

3.°) ao descuido imperdoável da casa exibidora que aceita e passa uma fita sem a ver prèviamente — porque queremos acreditar que se não pudesse recusar a cópia, poderia pelo menos apagar os traços do lápis vermelho.

E não se venham queixar do público. Nestas e noutras ocasiões tem-se revelado com paciência de santo. — F. G.

«Lar bendito»

(Heimat)

Constitui uma boa surprêsa êste novo filme da Ufa, pela sua alta qualidade técnica, demonstradora de que os estúdios alemães continuam a saber fabricar bom cinema. Há cêrca de dois anos idêntica indicação se recebera com «O Dominador», de Emil Jannings — não falando já no «Olimpíadas».

Heimat é indiscutìvelmente um belo filme. Extraído de um drama de Sudermann, apresenta excepcionais predicados artísticos e espectaculares. Carl Frölich, um dos melhores expoentes do cinema germânico, dirigiu a encenação com verdadeira mestria, combinando os vários elementos da melhor maneira, por vezes com magnífica inspiração. Dêsses elementos há que destacar a excelente fotografia de Fritz Weimayer, as decorações, àbsolutamente admiráveis (não se faz melhor nos Estados Unidos), o acompanhamento musical, e a interpretação — que reata as grandes tradições da cinematografia alemã da época áurea. Zarah Leander tem neste filme a sua grande revelação para Portugal. A forma como compôs a figura de Magda é inteiramente convincente e basta para explicar o seu prestígio e popularidade além Reno. Heinrich George obtém um belo triunfo no papel do velho coronel, , a acrescentar aos que vem coleccionando há cêrca de vinte anos.

Excelente a interpretação do magnífico actor que é Paul Hörbiger (o organista). Noutros papéis de relêvo aparecem George Alexandres (o príncipe), Leo Slezak (o velho cantor), Ruth Hellberger, etc. — D. M.

ÚLTIMA HORA

Na reünião da Direcção do Clube Português de Cinema de Amadores, ficou resolvido aceitar, com uma pequena alteração, a proposta feita pela Associação Portuense de Amadores de Cinema conforme informação que damos na página de cinema de amadores.

Assim, a Associação Portuense de Amadores de Cinema, fica sendo a delegada no Pôrto do C. P. C. A.

DOCUMENTÁRIO DE LEIRIA

(Continuação da página 6)

põem os mouros em fuga, desordenada e perseguida, lutando-se ainda, depois da descida da encosta, nas ruas da cidade velha...

Seria assim animado o documentário em que percorreríamos o castelo, parando só e por instantes à vista da paisagem, na galeria da Alcáçova, no alto da tôrre de Menagem...

Finalmente, iríamos de passeio pelas suaves colinas e pelas margens do Liz, iríamos com Rodrigues Lobo ao encontro do Pastor Peregrino, da Leonor e da Vilante, escutando-lhes os diálogos, surpreendendo-lhes a graça, por êsses lugares bucólicos, onde a égloga ainda floresce e vive...

CORREIO DE «BEL-TENEBROSO»

(Continuação da pág. 17)

loucos ou insensatos. — Alguns filmes de John Boles: *A Pequena Rebelde, Pecados das Mães,* etc.

885 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa).* — Depois de aturados estudos, decifrei o teu postal. — Transmito os teus cumprimentos a *Bob Taylor, Raffles* e *Conde Axel de Fersen.* — Quanto ao resto, de acôrdo: ficarás sendo a minha segunda secretária...

886 — EL ESTUDIANTE. *(Lisboa).* — A tua revista foi entregue na Redacção e, conforme te disse, admirada por todos os camaradas. — A tua carta para Graça Maria foi entregue oportunamente. — Registo a tua sugestão para um bom filme português: *A mocidade de D. João V,* segundo a obra de Rebêlo da Silva. — Que ideia tenho a teu respeito? De que és um verdadeiro paladino do Cinema!

Bel-Tenebroso

«AS TEORIAS DE SUZANA»

George Cukor, o realizador de «Mulheres», teve a boa sorte de produzir outro filme de êxito: «As teorias de Susana» que, durante oito meses consecutivos, fez rir Nova York em pêso. «As teorias de Susana», com Joan Crawford e Fredrich March, fino e luxuoso espectáculo, autêntico êxito de gargalhada, merece a atenção do público. Em primeiro lugar, é uma comédia interessantíssima. Em segundo lugar, Joan Crawford tem nela o papel mais original da sua carreira.

«As teorias de Susana» tem todos os requisitos para agradar seja a quem fôr.

Na América, pagava-se 120 escudos por cada bilhete para admirar o novo trabalho de Joan Crawford para M-G-M.

Em Lisboa, o leitor encontra, porém, preços mais acessíveis no Eden.

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — Tioga (Texas), 29 de Setembro de 1907.
2 — Trinta e três?
3 — Boina de marinheiro.
4 — Não é nenhum dêles porque foi Spencer Tracy.
5 — Marido de Deanna Durbin.
6 — Marco de Canavezes.
7 — Brunilde Júdice.
8 — Joan Grawford.

actualidades

★ O «Clipper» trouxe-nos, esta semana, uma série de fotografias que primam pelo seu interêsse e flagrante oportunidade. Sairam há pouco de Hollywood e foram expedidos, por via aérea, com destino à nossa redacção, que é como quem diz: vêm endereçadas para os nossos leitores. Numa época em que material dêste género não abunda, estas fotos devem agradar, particularmente, pela actualidade de que se revestem e como demonstração do interêsse que ANIMATÓGRAFO põe em todos os seus serviços informativos, de modo a bem cumprir as suas funções. Todavia, elogio em bôca própria não fica bem seja a quem fôr. Porisso limitamo-nos a publicar estas fotografias sem mais comentários.



Esta é a mais recente e a mais formosa fotografia que SIMONE SIMON tirou, até à data, em Hollywood. Como os leitores sabem, a simpática actriz encontra-se na cinelândia, onde, contratada pela RKO-Rádio, vai interpretar o filme «THE DEVIL AND DANIEL WEBSTER», ao lado de artistas insignes como JAMES CRAIG, ANNE SHIRLEY, W. HUSTON e THOMAS MITCHELL



O conhecido actor-bailarino GEORGE MURPHY, que foi um dos três admiradores de GINGER ROGERS em «TOM, DICK AND HARRY», foi surpreendido pela objectiva em amena conversa com a sua parceira. Os seus rivais foram BURGESS MEREDITH, que vimos em «AS MÃOS E A MORTE» e ALAN MARSHALL

Vemos aqui ANNA NEAGLE numa cena de «SUNNY», o seu mais recente filme musical e que tanto interêsse tem despertado na América. Nesta produção, a famosa vedeta apresenta-se com inúmeros trajos, qual deles o mais bonito. A comédia é produzida por HERBERT WILCOX

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JOAN CRAWFORD volta a encantar os seus admiradores em «AS LOUCURAS DE SUSANA», da M-G-M, em exibição no EDEN

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: LEW AYRES